

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 10

Outubro de 1919

Ano LXXI

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA EMPRESA DIARIO DE NOTICIAS
Rua do Diário de Noticias, 78 — Lisboa

LIÇÕES DA GRANDE GUERRA

II

(Continuado da pag. 535)

A tática do combate aereo na sua infância

Desde que se reconheceram as vantagens do emprego dos aparelhos aeronauticos nas operações de guerra e logo que um grande número destes aparelhos, com modelos ou tipos diversos, apareceram acompanhando os exercitos em campanha, indispensável foi agrupa-los em nucleos que representassem uma certa força e deduzir os princípios, ou as regras práticas para o combate de cada unidade isolada, ou para a sua manobra em conjunto no espaço, de maneira a tirar deste novo instrumento de combate todo o partido ou rendimento de que fosse susceptível.

Daí as primeiras tentativas ou ensaios da tática do combate aereo, ainda na sua infância.

Não é fácil encontrar nas publicações da especialidade elementos suficientemente elucidativos, atinentes a desvendar os processos táticos, ou os princípios a que os alemães subordinavam a manobra aerea dos seus aparelhos.

Segundo o seu anterior modo de proceder nos assuntos que se referem ás questões táticas e de tiro das diversas armas, é provável que se tenham limitado a enviar aos seus corpos de aerosteios e de aviadores instruções de natureza resêrvada, aguardando que os ensinamentos da guerra indiquem por forma mais positiva os processos táticos que convirá fazer adoptar ás esquadilhas aeronauticas.

Limitar-nos-emos, pois, neste ligeiro estudo, a dar uma rápida notícia da parte orgânica dos serviços aeronauticos dos principais exercitos da *Entente* na frente ocidental e das disposições de natureza táctica adoptadas nas suas manobras aereas, na previsão de proximos combates.

Principiando pelo exercito do Reino Unido, acentuaremos que o Corpo de Aereosteiros militar e naval inglês é, por emquanto, um organismo completamente independente do exercito e da armada, íngressando nele o pessoal das outras armas e da armada.

É comandado por um general.

Na frente que ocupou em França o Corpo expedicionário inglês existia um certo número de aerodromos, sendo cada um constituido por duas ou tres esquadilhas e cada esquadilha por tres secções de seis aeroplanos da mesma classe ou modelo.

A cada aerodromo correspondia um parque de aviação.

O chefe do aerodromo tinha a graduação de coronel; os comandos das esquadilhas e os dos parques eram exercidos por majores; os das secções por capitães; os pilotos e os observadores eram tenentes.

Os pilotos dirigiam os aparelhos sob o comando do respectivo capitão.

Para a formação de combate da secção adoptavam-se as seguintes disposições: com intervalos de poucos segundos saíam sucessivamente do aerodromo os seis aparelhos de secção, girando em espirais ascendentes até o momento em que o capitão, comandante, entendia que atingira a altura conveniente, momento que era indicado pelo disparo dum petardo branco do avião chefe.

A este sinal os cinco restantes aviões adoptavam a formação em *cunha*, ficando no vertice dela o avião chefe que, na frente, dirigia a marcha.

Os aviões situados nos extremos posteriores da *cunha* voavam a maior altura, no intuito de poder alcançar mais rapidamente os da frente no momento destes serem atacados, aumentando para esse efeito a velocidade pelo vôo descendente a pleno motôr.

No exercito francês são as esquadilhas constituídas só por seis aviões da mesma classe, sob o comando dum capitão.

O piloto pode ser um oficial subalterno, um sargento ou qualquer praça que possua um curso e tenha aptidões verificadas para esse importante cargo.

A formação das esquadrilhas comporta algumas variantes, a fim de obter maior independência e mobilidade, principalmente no caso de encontro de esquadrilhas, ou núcleos de aviões em número igual de beligerantes adversos, em que, por via de regra, se travam combates parciais entre cada dois aviões contrários.

Neste caso, os aviões dos aliados procuravam atacar os do inimigo voando atrás deles, atirando para a frente, na direcção do vôo.

Ao contrário, o aeroplano alemão tentava passar sempre adiante do avião adverso e fazer fogo sobre ele disparando para a retaguarda, em vista da helice estar colocada na frente do aparelho.

Com o princípio geral da tática de combate aereo, quer a luta se realize entre dois aeroplanos, entre dois dirigíveis ou entre aeroplano e dirigível, deve considerar-se como ponto assente que a vitória caberá, em geral, ao aparelho aeronautico que conseguir colocar-se acima do seu adversário e deixar cair sobre ele projecteis explosivos ou incendiários.

E' obvio que, para qualquer aparelho adquirir esta vantagem na luta, deverá possuir uma grande facilidade de manobra, uma mobilidade e uma velocidade superiores ás do adversário.

O tiro de espingarda ou da metralhadora, perigoso para o pessoal, não pode originar a queda imediata dum dirigível inimigo, por que os orifícios feitos pelas balas são excessivamente pequenos. A vantagem estaria em poder lançar balas incendiárias.

Nos primeiros tempos da guerra cada aparelho aeronautico era, em geral, armado com metralhadoras: alguns mezes depois, muitos desses aparelhos foram também dotados com peças de pequeno calibre, 37 a 42 milímetros,—alem de transportarem 800 a 1000 dardos de aço para lançar sobre tropas em formatura, caso em que o seu efeito seria máximo.

Um estratagemã, ou ardil de guerra, empregado pelos aeroplanos ingleses em 1917 foi coroado de pleno exito, mercê das acertadas disposições adoptadas na execução dessa operação militar.

Pretendia-se interceptar o tráfego nas linhas ferreas alemãs, nas proximidades de Libercourt.

Diversas patrulhas, constituídas por núcleos de 3 aeroplanos, foram expedidas na direcção dos aeródromos inimigos, a alguma distancia da via ferrea.

Com tal rapidez e habilidade procederam no ataque a estes aeródromos, que os aviões alemães foram impedidos de voar, não podendo acudir à estação de Libercourt, atacada ao mesmo tempo por outras esquadrilhas de aeroplanos, que bombardearam a estação e os comboios com tropas inimigas, causando-lhes enormes perdas de pessoal, além de deixarem inutilizadas bastantes locomotivas e outro material circulante e fixo.

Esta e outras operações congêneres de pequena guerra, entre diversos aparelhos aeronauticos, evidenciaram a impreterível necessidade de se tomarem precauções atinentes a evitar as surpresas de audaciosos *raids* aereos.

Para assegurar o dominio do ar, opondo-se às operações aereas do inimigo foi mister estabelecer estações aéreas, situadas em pontos importantes, assim como guardas aéreas para receber o primeiro embate do adversario e contra-ataca-lo, quando se dispõe de suficientes unidades de combate.

No intuito de auxiliar eficazmente operações desta natureza empregam-se projectores electricos, recorrendo-se também a processos especiais de iluminar cidades, posições, bivagues e acampamentos.

O melhor instrumento para o combate aereo: — aeroplano ou dirigivel? — Estado actual da questão

Da rápida resenha, que vimos de fazer sôbre os progressos realizados na navegação aerea, depreende-se nitidamente que nos primeiros tempos da guerra reinou uma certa indecisão sôbre a preferencia a dar ao aeroplano sôbre o dirigivel, porque, se em determinados casos, o avião revelava incontestaveis vantagens sôbre o dirigivel, êste, em compensação, mostrava a sua superioridade sôbre o primeiro quando se tratava de *raids* longinquos, como os realizados pelos zepelins sôbre as costas da Grã-Bretanha e sôbre Paris, em que

se punha à prova não só a extrema rapidez destes dirigíveis, mas ainda a sua faculdade de transportar grandes pesos em projecteis com que bombardeavam inesperadamente cidades importantes do adversario.

Esta perplexidade nos espiritos foi desaparecendo pouco a pouco, logo que os ensinamentos colhidos no decurso das operações nas frentes oriental e ocidental do extenso teatro da guerra derramaram uma luz mais intensa, permitindo apreciar serenamente e por uma forma mais concludente as vantagens e os inconvenientes dos diversos aparelhos aeronauticos em acção.

Dessa apreciação resulta, em síntese, chegar-se à conclusão de que o dirigível considerado nos primeiros tempos da guerra como muito vantajoso em certas operações de guerra e especialmente para as explorações no mar, em que não podia ser tão frequentemente alvejado pelo adversario,—cedeu nas operações de terra o primeiro lugar ao grande aeroplano de combate, cuja importancia augmentou consideravelmente desde que com êle se conseguiu atingir alturas superiores a 3.000 metros, em que diminue o perigo de ser abatido com projecteis arremessados da terra.

É intuitivo que os zeppellins e super-zeppelins, não obstante serem dotados de apreciáveis qualidades de velocidade e de capacidade de transporte de importantes pesos, oferecem grandes alvos, precisando elevar-se a alturas consideráveis para dificultar o efeito do tiro adverso; mas à maior elevação no espaço corresponde, evidentemente, uma maior dificuldade em obter a precisão no lançamento de bombas sobre os alvos visados.

Por seu turno, o aeroplano é um explorador por excelencia, tanto sobre o ponto de vista strategico, como sobre o tactico.

Os clichés fotograficos do terreno tirados dos aeroplanos constituíram elementos preciosos de informação para o commando, especialmente na guerra de posições, na qual não podiam dar resultado eficaz outros meios de exploração.

Por esse processo se conseguia registar as mudanças operadas nas formações do inimigo, ou as deslocações de quaisquer elementos de combate, existentes no campo adverso.

Na guerra de movimento os aviões rápidos prestaram importantes serviços de informação, mercê dos seus arroja-

dos vôos, travando, por vezes, combates renhidos com as esquadilhas adversas, tal qual como anteriormente sucedia quando se dava o choque entre as cavalarias de exploração dos beligerantes.

O aeroplano presta excelentes serviços orientando a marcha de *approche* da infantaria e facilitando a regulação do tiro da artilharia.

Utiliza-se também para lançar bombas sôbre as cidades, depositos de munições, fabricas, comboios e acampamentos do adversario, assim como para dar caça aos aviões contrarios; a rapidez e a facilidade da manobra tornam-no apto a uma diversidade infinita de applicações, o que não succede com os dirigiveis.

O triunfo do aeroplano sôbre o dirigivel nas questões que se relacionam com as operações da guerra parece, pois, estar definitivamente consagrado.

Ao contrário, sob o ponto de vista comercial, para as grandes travessias sôbre os oceanos, mares e continentes, para o transporte de mercadorias, e passageiros terá a primazia o grande dirigivel, que, alem da sua consideravel velocidade, proporcionará aos viajantes, as instalações confortaveis hoje encontradas nos melhores transatlanticos maritimos.

Acrescente importancia da aeronautica militar — Os grandes «raids aereos» para o estabelecimento de novas rotas comerciais entre os continentes

A complexidade e a transcendencia de alguns serviços prestados na recente conflagração pela aeronautica militar imprimiram a esta nova *arma* dos exercitos um cunho de importancia tal, que mister se torna dispensar-lhe a maior atenção nos países que cuidem a serio dos seus exercitos, ou primem pela excelencia das suas instituições militares.

Não se iludam aqueles que nela apenas queiram ver mais uma especialidade ou ramo da arte militar.

Não se prevê, geralmente, o gráu de elevada importancia que a aeronautica deve assumir no futuro.

Qual sentinela vigilante no espaço, o aeroplano, no inicio das operações militares, vae surpreender as concentrações de

tropas em país inimigo; fixa os pontos de concentração, donde é facil de inferir as linhas de penetração seguidas pelo invasor.

É, como se vê, uma arma que entra em função bastante tempo antes de começar a batalha, desempenhando uma grande parte das missões estrategicas até hoje cometidas á cavalaria de descoberta; acompanha a luta terrestre em tôdas as suas fâses, observando o campo inimigo ao mesmo tempo que sustenta combate com os aviões adversos.

Ao produzir-se a decisão da batalha procura conter os aviões adversos nas tentativas de alargar o ambito das suas observações, atinentes a determinarem as linhas de retrada do exercito batido.

Se, ao contrário, a vitoria sorri às nossas armas, as esquadrilhas de aviões procuram levar de vencida as contrarias para ir bombardear, não só as posições de socorro ocupadas pelas reservas inimigas, mas ainda as massas em retirada, a fim de as desordenar e pôr em completa debandada.

E quem nos poderá garantir que de futuro, não obstante as novas formulas, ou *leis da guerra*, porventura estabelecidas pela Sociedade das Nações, um dos beligerantes, de antemão preparado com numerosas flotilhas de aviões, não vá inundar regiões inteiras do país inimigo com nuvens de substancias inflamaveis e produtoras de gases venenosos, que fariam desaparecer todo o vestigio de vida animal e vegetal, contribuindo assim para a completa destruição dos exercitos que operassem nessa parte do país?

Desde que a navegação aerea seja permitida, quer para o transporte rápido de passageiros, quer para estabelecer relações comerciais mais activas entre os diversos países, não é de crêr que o fabrico de aparelhos aeronauticos tenha limite fixado; e, nesse caso, tôdas as surpresas são de esperar numa guerra futura, em que a transformação nos processos tacticos e na applicação dos principios estrategicos seja, porventura, senão radical, pelo menos, importante.

A aeronautica militar amplia, alarga consideravelmente o domínio da estrategia, donde deriva a importancia crescente das qualidades e dos conhecimentos a exigir a um comandante em chefe e a correlativa preparação scientifica com que se torna mister dotar o seu estado maior.

*
* *

A aeronautica militar reunindo, em parte, a complexidade de condições das armas que combatem em terra, presta-se a a uma maior diversidade de applicações e de combinações que facilitam a realização das concepções estrategicas, e daí a sua importancia crescente, que poderá assegurar-lhe na guerra do futuro um logar primacial entre as suas irmãs.

Toda a atenção que os governos lhe devam é bem merecida e plenamente justificada; por isso julgamos dignas do maior aplauso as providencias já adoptadas pelo ministério da guerra que em maio, último, publicou um decreto abrindo um credito de 320:000 escudos para a organização completa do pessoal e material do Parque Aeronautico, a fim deste poder construir e fabricar o material tecnico, que os recursos do país comportem.

Mas, não é só a influencia decisiva que nas operações militares futuras, a aeronautica, provavelmente, exercerá; acresce ainda a importancia que esta parte da sciencia física necessariamente adquirirá como elemento de apreciavel valor para facilitar as relações comerciais e industriais entre os diversos povos, imprimindo a maior rapidez ao transporte da correspondencia postal, de passageiros e de mercadorias, cuja necessidade num determinado momento se pode tornar imperiosa.

Desde 1917 que a Italia estabeleceu o serviço postal aereo num percurso de 200 quilômetros desde Civita-Vecchia — Terra Nova — Costa da Sardenha.

No parlamento francês foram votados em 1918 os creditos necessarios para o estabelecimento de carreiras aereas para a correspondencia postal entre Paris e St. Nazaire; entre Marselha e Nice; entre Nice e Corsega e entre Paris e Roma.

A propria Alemanha convulsionada, vencida, em pleno armistício, principiou em fevereiro, último, a estabelecer uma rede postal aerea de grande estensão entre Berlim-Weimar, Berlim-Augsburg-Munich, Berlim-Warnemunde-Ojedeser (Dinamarca), rede que, presumivelmente, estenderá por toda a Alemanha, ligando-a com os países limitrofes.

Não poderia êste exemplo ser seguido por Portugal, que ocupando uma posição geográfica invejável sôbre o Atlantico, onde a Madeira, os Açores e Cabo Verde nos proporcionam vantajosos pontos intermedios entre Lisboa-Angola e Angola-America do Norte, ou directamente de Angola ao Brasil e reciprocamente, principiando por estabelecer-se uma rêde de comunicações aereas postaes entre Lisboa e os Açores, onde a maior parte das ilhas só comunicam com o continente de 15 em 15 dias, havendo uma, a ilha das Flores, que só tem comunicações mensalmente, e ainda uma outra, a ilha do Corvo, que só de 3 em 3 meses recebe correspondencia do resto do mundo?!

Depois de convencionado o armisticio entre os beligerantes tem-se levado a efeito audaciosos *raids* para a travessia do Mediterraneo, do Atlantico e do Pacifico, que provam exuberantemente o vivo interesse que as questões aeronauticas estão despertando em todo o mundo.

Um francês, o aviador Roget, tomou a iniciativa nêste novo gênero de *sport*, realizando o seu arrojado vôo de Paris a Rabat por sôbre o Mediterraneo.

Outro destemido aviador francês, o tenente Lemaitre, empreendeu a travessia do grande deserto do Sahará, partindo de Mogador e aterrando, por avaria do aparelho, em Port Etienne, depois dum percurso de 1:400 quilómetros, faltando-lhe ainda 700 para atingir Dakar, *terminus* do seu vôo.

O famoso aviador inglêz Hawker, assim como o capitão Alesck e o tenente Brown efectuaram arriscados *raids* aereos para a travessia do Atlantico.

Esta travessia foi realizada com pleno exito pelo grande dirigivel R. 34, comandado pelo major Scot, que regressando de New-York desembarcou em Londres no dia 15 de julho de 1919, sendo a equipagem e os passageiros, entre os quais figurava o general Maitland, delirantemente ovacionados na capital inglêsa.

Na opinião do major Cook, a travessia do Atlantico é extremamente perigosa pela falta dum sistema preciso de informações meteorológicas, que inspire confiança aos navegadores aereos.

A realização desta travessia levou naturalmente a imprensa europeia a interrogar os especialistas da aeronautica sôbre se

num futuro próximo a travessia do Atlantico será feita em dirigiveis de preferencia a navios.

A esta interrogação respondeu o coronel francês Renard, cujos trabalhos notaveis sôbre aeronautica lhe dão uma autoridade incontestavel em assuntos desta natureza.

Eis a resposta do abalisado especialista aeronautico :

«A locomoção aerea — diz o eminente official — entrará nos costumes dentro de pouco tempo. Será feita pelo dirigivel ou pelo aeroplano ?

«Parece que o dirigivel convem mais de momento a essa utilização pratica : oferece maior capacidade de transporte, e, para grandes viagens, mais probabilidades de conforto. Esta ultima consideração, que pode ter sido posta de parte em tempo de guerra, tem uma importancia primordial para o caso de transporte de passageiros.

«Sob o ponto de vista das consequencias praticas do *record* do R-34, convem assignalar que fez a travessia em más condições, lutando com as correntes contrarias. E venceu todas as dificuldades.

«Ha motivos para acrescentar á recente experiencia a soma de ensinamentos que se puderam tirar, no decorrer das hostilidades, dos numerosos reconhecimentos que os dirigiveis fizeram no mar. Realizaram longas derrotas das quais se saíram excelentemente. E' esta uma indicação que é preciso ter em conta, mas de que não é necessario tirar as consequencias extremas, porque os serviços militares são duma ordem especial e não comportam as mesmas exigencias que um serviço regular de transportes.

«O avião, sem duvida, é menos volumoso e mais barato que o dirigivel; mas conduz menor numero de pessoas as quaes será difficil instalar confortavelmente, como succede nos modernos paquetes a que estão habituados os viajantes».

Dois distintos aviadores portugueses, o capitão Antonio Maia e o tenente Lelo Portela, projectam realizar em breve, em aeroplano, um *raid* de Paris a Lisbôa, passando por Madrid, num percurso de 180 quilómetros, aproximadamente.

Se esta tentativa fôr coroada de exito, tencionam realizar outros *raids*, tais como de Lisboa a Madrid, de Lisboa a Roma e de Lisboa a Pernambuco, fazendo escala por Cabo Verde.

Merece especial registo nêste logar a louvavel iniciativa do *Diario de Noticias* estabelecendo um prémio para o aviador que primeiro fizer a ligação aerea entre Lisbôa e a província da Guiné.

O felicissimo gesto do *Diario de Noticias*, inspirado no alto e patriótico desígnio de ligar mais estreitamente a metropole com as suas possessões ultramarinas, promovendo o seu desenvolvimento indústrial agrícola, a fim de as transformar numa fonte de riqueza progressiva, teve, como era legitimo esperar, o mais espontaneo e entusiástico acolhimento do publico, das associações, dos Bancos, doutras colectividades importantes e do próprio governo, que em frases do mais caloroso aplauso e incitamento deram a sua plena adesão à luminosa idea do conceituado órgão da imprensa lisbonense.

Realizado o *raid* projectado de Lisbôa à Guiné, será êsse o primeiro elo, ou a primeira *étape* para o estabelecimento de carreiras aereas regulares, de character comercial entre a metropole e as colónias; e logo que aquela província adquira o progresso material necessário, poderá tornar-se uma escala obrigatória das linhas de navegação para a Africa e para a América.

Na luta económica que após a guerra vai travar-se entre todas as nações do mundo, Portugal não póde nem deve conservar-se inactivo.

Precisa valorizar as suas colónias, torna-las produtivas no mais alto gráu, promover o seu ressurgimento moral e material de forma a acompanharem a evolução que nêsse sentido se acentua em todo o mundo civilizado.

Ao apêlo do *Diario de Noticias* acorreram pressurosos quinze briosos officiais aviadores do exército português. São êles: o major Cifka Duarte, capitães Alfredo Cintra, Alfredo Dovalle Portugal, Ribeiro da Fonseca e Esteves Beja; tenentes Sarmiento Beires, Pereira Gomes e Paiva Simões; alferes Sousa Larcher, Oliveira Viegas, Emilio de Carvalho, Jorge de Avila, Miranda da Costa, Viriato Cabrita e João Paulo Aragão.

São todos officiais experimentados, intrépidos, animados de

muita fé e ansiosos de marcar um logar honroso para Portugal nêste torneio mundial de aviação, que se iniciou ao despontar a aurora da Paz.

A história pátria mostra-nos exuberantemente que a raça portuguesa dispõe de predicados e de faculdades que a tornam apta para as maiores emprêsas, para os mais ousados cometimentos.

As nossas gloriosas tradições, que remontam aos primeiros tempos da dinastia borgonhêsa, radicaram-se, consolidaram-se definitivamente com os sucessos prodigiosos da grande epopeia marítima, nêsse ciclo brilhante de descobertas e conquistas, que constituem o período aureo da nossa nacionalidade.

O atavismo de raça revela-se a cada instante em fecundos exemplos de civismo, em lições cheias de sublime nobreza.

A grande alma portuguesa trasbordando de vivo entusiasmo e de heroico patriotismo, afirma-se hoje, como se afirmou ha quatrocentos anos.

As eminentes qualidades de raça ativa, empreendedora, valente e energica mantem-se vividas hoje, como nos radiosos tempos da nossa grandesa épica.

Oxalá esta reviviscencia de sentimentos patrióticos, êste esperançoso despertar das grandes virtudes e qualidades próprias da raça seja o inicio dum completo ressurgimento de Portugal, integrando-o definitivamente na grande obra de progresso e de civilização que hoje agita e impulsiona o mundo inteiro.

É êsse o nosso mais veemente desejo; é essa a nossa mais sincera e legitima aspiração.

ADRIANO BEÇA

General

ARTILHARIA E AVIAÇÃO

Saiu-se desta guerra com a convicção de que o exito do emprego da artilharia dependia em larga escala da coadjuvação desenvolvida da aviação, tanto na pesquisa dos objectivos como na observação do tiro a que eram submetidos. Era pela persistência da observação aérea, fixada pela fotografia e conjugada e confrontada com os outros meios de sondagem incessante da vida inimiga que a artilharia, cujos meios próprios de observação são de alcance muito restrito, estava em termos de poder conhecer as modificações ininterruptas das defesas inimigas, a localização dos pontos a bater; era, muitas vezes, mediante a observação aérea que, até ao máximo alcance permitido pelo material, se tornava possível a regulação do tiro; era ainda este meio de observação que registava os efeitos do tiro de eficácia.

Desde que a formula *«loin des crêtes»* passou a ser a máxima seguida pela artilharia na posse da moderna técnica de tiro, desde que o problema da escolha das posições e sua atribuição nos diversos tipos de bôcas de fogo deixou de ser uma questão a resolver apenas sôbre a carta para ser um problema a decidir *«in loco»*, função, por vezes, da arborização, das diferenças de nível não acusáveis pela carta e até das edificações, desde que a artilharia conseguira dissimular-se, na grande generalidade dos casos, às vistas directas do inimigo sem constrangimento para a execução do seu fogo, conservando, pelo contrário, a posse ampla dos seus recursos, haveria necessariamente de evidenciar-se o gráu diminuto de proficuidade da observação terrestre, muito embora a elasticidade dos modernos meios de ligação permitisse a escolha de observatórios, afastados, por vezes, a alguns quilómetros das baterias.

O aumento progressivo de alcances que até para os modestos calibres da campanha atingiu proporções inverosi-

meis — 11.000 metros¹ —, só seria praticamente util se paralelamente fosse acompanhado duma aplicação cada vez mais eficaz da observação aérea.

Foi assim que toda a frente de batalha se guarneceu dum e doutro lado duma cortina de balões cativos, espiões odiados do movimento das estradas, do clarão das peças, e por toda a parte se repetiram os vôos impertinentes dos aeroplanos, que procuraram surpreender todas as manifestações de vida inimiga, levando delas não a impressão passageira, imprecisa, colhida num relance, mas os registos fotográficos que paciente e vagarosamente eram decifrados e divulgados. Quam longe nos encontramos verdadeiramente daqueles tempos em que se esperava que apenas do binóculo do comandante da bateria saísse a localização dos clarões inimigos, vagamente, um certo número de milésimos à esquerda de determinado ponto bem visível! Apenas se conseguia assim esboçar uma referenciação ou direcção. A localização apróximada da bateria a contrabater seria obtida por tentativas, alongando o tiro para além da máscara de protecção, sôbre a qual se realizára a regulação prévia, ajustando-o às formas do terreno e induzindo da actividade da bateria batida o gráu de eficácia do nosso fogo.

Reconhece-se que as máscaras de frente e de flanco, estas para baterias ou simples divisões avançadas, tomando de enfiada delimitados tróços da frente inimiga, assegurando a cobertura da observação terrestre, não bastam; que primeiro que tudo era fundamental encobrir as baterias da acção perscrutadora das objectivas aéreas; que a designação da posição duma bateria não se podendo limitar á fixação dos flancos, tendo que se escolher separadamente o local de cada peça por maneira que o mimetismo a realizar com artifícios adequados de dissimulação resultasse perfeito. Quando feito isto, restava ainda a observação implacavel dos balões cativos, de que em regra só a neblina conseguia libertar-nos, a referenciação, principalmente, nocturna dos clarões praticada pelos postos topográficos de vigilância, as indicações da T. S. F. e sobretudo o registo pelo som à conta do qual os relatórios

¹ Peça alemã de 77^{mm} m/916, montada em reparo de obuz; peça franceza de 75^{mm}.

diários de informações atribuíam 70 % das localizações feitas.

Infere-se do exposto como a aviação amiga pode guiar as tentativas de dissimulação de baterias, assinalando os erros da sua organização inicial e as revelações que a sua ocupação prolongada ou as modificações de scenografia ambiente foram trazendo dia a dia. O cadástro fotográfico do sector ocupado passaria a ser examinado com os mesmos requintes de minúcia que o do sector inimigo e a escolha de futuras posições a ser guiada pelas suas indicações.

*

*

*

Dos serviços prestados pela aviação à artilharia, sucintamente enumerados, merece especial menção o da observação do tiro para efeitos de regulação.

Não pretendemos descrever os processos utilizados para referir os pontos de queda nem este artigo tem em vista uma divulgação do assunto que, creio, seria ociosa. Sejam, porém, quais forem — a aquisição, por exemplo, da faculdade de, num vôo, medir em coordenadas polares o desvio do ponto de queda em relação ao objectivo e à linha Norte-Sul — demandarão uma cuidada preparação na qual evidentemente haverá dois períodos: um primeiro de apreciação de desvios, realizado com segurança em condições tanto quanto possível aproximadas das do vôo real, mas onde é possível a verificação dos desvios medidos e um segundo período numa prática larga de observação feita de bordo de aviões.

A par da aquisição desta faculdade figura a posse dos seguintes conhecimentos sem os quais dificilmente a observação poderá ter logar: durações de trajecto às diversas distâncias, ordenadas máximas e desvios prováveis, familiarização com os métodos em uso de regulação, velocidades de tiro em especial para os grandes calibres, — mecanismos de tiro de eficácia.

Não significa o exposto que sómente o artilheiro possa ser observador aéreo, nem esta exigência daria por si só a garantia de que tudo aquilo entrasse *«à fortiori»* no domínio das cousas familiares. O que é forçoso é que de facto o esteja e

todo aquele que possua, a par de agudeza de vista, sentido métrico e serenidade preciosas, a ambição de ser observador, não desistirá de tal perante a necessidade de adquirir com facilidade conhecimentos destinados a tornar profícua a sua tarefa, colocando-o em condições de poder saber quando e onde deve esperar os rebentamentos, por maneira a reduzir a um mínimo aceitável o número de tiros não observáveis e a reconhecer como tais os que devam ser considerados anormais.

O que se chama com propriedade *regular o tiro*, isto é traduzir em correcções nos tiros imediatos os resultados das observações feitas, continuará sendo função do comandante da bateria. Só êle conseguirá ajuizar com segurança da marcha duma regulação e sustá-la quando atingidos resultados satisfatórios, as forquilhas finais, mais ou menos estreitas conforme a natureza dos objectivos e o fim que se pretenda atingir com o tiro de eficácia subsequente a realizar. Para tudo isso será necessário obter médias e interpretá-las, dar a esta operação a continuidade indispensável, o que, repito, só o comandante da bateria poderá fazer.

Definidas as missões das duas armas — artilharia e aviação — e a sua cooperação, resta perguntar se não seria útil desde já colocá-las em condições de praticarem essa cooperação. Necessariamente não é possível ter observadores que nunca, de bordo dum avião, tivessem visto rebentar uma granada, nem é possível actualizar a instrução da artilharia sem o concurso da aviação. Pôr as duas armas em condições de trabalhar em conjunto, frequentemente, será o que importa fazer.

Há entre nós um estabelecimento militar incumbido da prática do tiro de artilharia. Não é duma criação recente e assim o pudemos considerar porque, através de todas as reformas que tem sofrido e mudanças de título, manteve a continuidade da sua obra, adaptando a sua missão de instrução à evolução da arma, por maneira a conserva-la actualizada.

Por outro lado revelam-se dia a dia sintomas consoladores de que a aviação militar trabalha com actividade na sua organização e mantém alevantados propósitos de intensificar o seu esforço.

Será possível, tendo sempre presente a modéstia forçada dos nossos recursos, que nos deve levar a tirar o máximo proveito

de todo o dispêndio que acarreta a preparação da defesa nacional, atribuir uma parte da aviação militar a um fim essencialmente militar ao fixar a situação dos aeródromos do país?

Demonstrámos que era necessário e julgamo-lo possível e foi nessa esperança que lançamos esta sugestão.

E. DA COSTA FERREIRA

Cap. de art.



Necessidades modernas da Infantaria

A Grande Guerra trouxe consigo a necessidade do desenvolvimento da instrução na Infantaria e da criação de especialistas dentro desta arma.

Hoje, uma instrução completa do infante inclui, para todos os homens, o conhecimento perfeito e uso pratico e tactico da espingarda, das granadas de mão e das granadas de espingarda; para grande parte, o uso perfeito e applicação tactica da espingarda-metralhadora; para outros a experiencia da telegrafia e da telefonia e finalmente, que outros sejam perfeitamente aptos no serviço de observação, patrulhas, leitura de cartas e avaliação correcta de distancias, conjugada com uma boa aptidão para o tiro.

Nunca mais, uma companhia de infantaria pode ser constituida por 250 homens armados só de espingarda e baioneta, animados pelo seu patriotismo, pelo seu élan, quando o nosso adversario pode dispor, dentro de uma companhia, de elementos bem variados mas que se completam e que só por si podem constituir bases para que um pelotão de infantaria seja hoje uma unidade capaz de conduzir um combate até final. O pelotão moderno, constituido por secções de atiradores, secções de granadeiros de espingardas e por outras de espingardas-metralhadoras, é a primeira e mais pequena unidade que pode conduzir até final um combate com a sequencia completa das suas fases. Dispõe de todos os elementos para neutralizar o adversario, quer derrubando as suas vagas de assalto quer obrigando-o a esconder-se nas dobras que o terreno oferece como protecção (espingardas-metralhadoras); elementos para deter o inimigo no seu avanço ou desaloja-lo das suas posições (granadas de espingarda) e ainda os elementos para a luta proxima e para o corpo a corpo quer na defesa quer no assalto (espingardas).

Portanto a infantaria tem que ter hoje uma desenvolvida e variada instrução.

Pelo que acabo de indicar, constituindo o pelotão uma unidade onde ha espingardas, granadas de espingarda e espingardas-metralhadoras, o seu comandante bem como todos os sargentos devem ser convenientemente industriados nessas instruções, que portanto não constituem especialidades, mas sim generalidades da arma.

As especialidades da arma são portanto os observadores ou patrulheiros, os sinaleiros e os sapadores. Devem ser frequentadas por 10 por cento dos officiaes subalternos e sargentos a fim de se ter uma reserva de especialistas sufficiente para as necessidades de uma mobilização.

Em vista do exposto ha necessidade :

1.º — De estudar :

a) Modelo de granada de mão e de espingarda (adaptavel à espingarda actual) a utilizar pela nossa infantaria e obtidas por meio dos recursos nacionaes.

b) Modelo de espingarda-metralhadora utilizando as munições da espingarda.

c) Modelo de uma metralhadora ligeira a fim de ser distribuida pelos batalhões, constituindo em cada um, uma companhia ou bateria e utilizando também o cartucho da espingarda.

d) Modelo de metralhadora pesada para ser distribuido um grupo de baterias a cada brigada de infantaria.

e) Modelo de espingarda com oculo de alcance (alça telescópica).

f) Modelos ligeiros de aparelhos de telefonia e telegrafia, optica, com fios e sem fios.

g) Organização de uma fabrica de material de guerra com a produção normal diaria de 500 mil cartuchos e susceptivel de em tempo de guerra poder elevar a sua produção a 3 milhões de cartuchos de espingarda por dia.

Os modelos *c)* e *d)* devem ser quanto possivel iguaes, diferindo apenas no seu peso e modo de condução, podendo com facilidade adoptar-se uma especie e outra.

N. B. — Todos estes tipos e artigos devem ser obtidos pelo fabrico nacional, unico meio de pudermos ter pessoal devidamente habilitado e de pudermos desenvolver condignamente a nossa industria militar.

2.º — De estabelecer :

a) Uma escola central de especialidades com instrutores fixos e em abundancia, para preparação intensa dos instrutores das especialidades (subalternos e sargentos), de modo a poder dar-se o maximo desenvolvimento e amplitude á instrução ministrada e ao pessoal que deverá ser o maximo. (Não estamos em condições de preparar especialistas durante uma campanha, sendo portanto necessario te-los já preparados).

b) Escolas divisionarias para a instrução e preparação dos munitores das especialidades e não especialidades da arma.

c) Escolas regimentaes ou de batalhão em complemento das escolas de recrutas, para a instrução completa do pessoal, dada pelos munitores e sob a yigilancia e orientação dos instrutores (oficiaes e sargentos devidamente habilitados com o curso de alinea *a*).

3.º — Organizar as unidades de infantaria de modo a satisfazerem as seguintes necessidades modernas:

a) Uma secção de sinaleiros e respectivo material, por batalhão.

b) Uma secção de sapadores e respectivo material, também por batalhão.

c) Um grupo de observadores e patrulheiros com respectivo material, por companhia.

d) Todo o pessoal devidamente instruido como atiradores e como granadeiros de mão.

e) Metade do pessoal pelo menos, instruido como granadeiro de espingarda.

f) A outra metade instruida como metralhadores (espingarda-metralhadora) e finalmente,

g) Uma bateria instruida também no manejo de metralhadora ligeira, por batalhão.

Segundo a ultima organização das unidades em campanha (França), uma companhia dividida em 4 pelotões devia ter pelo menos 8 espingardas metralhadoras (sendo preferivel ter 12) e um batalhão, uma bateria de metralhadoras ligeiras, constituída por 12 armas para satisfazer a todas as necessidades de uma guerra moderna participando da estabilidade e do movimento. Esta bateria seria utilizada quer para reforço das espingardas-metralhadoras, quer para execução de fogos indirectos, quer para o tiro anti-aereo.

Como material de reserva, um batalhão não deve ter menos de 50 % de material para reserva (sobretudo espingardas-metralhadoras e metralhadoras ligeiras).

Em vista do exposto, para o nosso exercito territorial e de tempo de páz deveriamos ter necessidade de

DISTRIBUIDAS

Espingardas-metralhadoras 103 batalhões a 48 = 4944.

Metralhadoras ligeiras 103 batalhões a 12 = 1236.

Em deposito nos batalhões:

Espingardas-metralhadoras 103 batalhões a 24 = 2472.

Metralhadoras ligeiras 103 batalhões a 6 = 618.

Total para as unidades

Esp. matr. = 7.416.

Metr. lig. = 1.854.

Isto fóra as reservas em Depositos Divisionarios e no parque e arsenal militares o que deveria andar por outro tanto.

Portanto o material necessário para as unidades do país e do tempo de paz seria numeros redondos:

Esp.-metr. 15.000

Metr.-ligeiras 4.000

É fenomenal!

Mas é assim que se pode exigir o sacrificio de homens.

É dando-lhes todos os meios de defesa e de ataque que se lhes pode exigir os maiores sacrificios, porque então o que morre sabe bem que o faz utilizando e esgotando todos os meios de combater, estando portanto em igualdade de condições ao inimigo.

O soldado que, para a luta, não pode dispor dos mesmos elementos que o seu adversario, desmoraliza-se e desanima e o mais que pode fazer é morrer gloriosamente, mas improficuamente, o que é pessimo para uma nação em que os soldados são poucos.

Vale mais gastar 50 a 100 mil contos em despesas de

armamento e preparação militar que nos podem dar a nossa independencia, do que sermos vencidos, aniquilados e termos de ceder essa importancia ao inimigo.

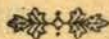
O que porem é de suma importancia é que a fabricaçãõ e construçãõ de todo esse material seja absolutamente nacional, porquanto todo o dinheiro ficará no nosso país. Em tudo quanto acabo de expôr tenho como tema — que o nosso país saia do atraso militar em que está, deixando-se arrastar pela experiencia e iniciativa daqueles que viram e sentiram alguma coûsa do que é a guerra moderna e como se deve estar preparado para o futuro —.

Apesar de todas as boas vontades aparentes se inclinarem a favor da dissoluçãõ dos exercitos e marinhas de guerra, os navios de guerra continuam construindo-se cada vez mais potentes e os cidadãos não deixam de saber pegar em armas e de ser convenientemente instruidos. É que apesar de tudo as nações seguem e seguirãõ sempre a velha e verdadeira frase latina — *Sì vís pacem, para bellum*.

30 de Maio de 1919.

ANTONIO S. DE ANDREA FERREIRA

Capitão de Infantaria



O Corpo Expedicionário Português na guerra da Europa

Apontamentos

Na noute de 10/11 de Setembro de 1917, executou o batalhão do 28, o seu primeiro *raid* às trincheiras inimigas, no cumprimento dos desejos manifestados pelo General Comandante da 1.^a Divisão que, dias antes, numa revista que passára ao batalhão, defendêra a conveniência que o mesmo tinha de marcar o seu lugar nas trincheiras, apanhando um boche ou aprisionando uma metralhadora...

Tinha razão o general, porque o objectivo que se tinha em vista com a execução do *raid* não admitia controversia, tão necessário êle era para o levantamento moral do soldado, que a passividade do serviço das trincheiras podia corromper, no esgotamento sempre enervante de uma defensiva que, por demasiadamente prolongada, podia arrastar as tropas em 1.^a linha, ao desempenho de um modesto serviço de guardas-barreiras o que, por todos os motivos e por todos os modos, era preciso evitar, tanto mais que, do aturado estagnamento das energias nas tropas que, durante meses a fio se conservavam em presença uma da outra, podiam nascer certas íntimidades que de alguma forma prejudicariam o prosseguimento da acção.

E essas familiaridades já se tinham produzido em alguns pontos da linha de batalha, quer no sector inglês, quer no sector francês, sendo certo, também, que no sector português foram surpreendidos soldados nossos em convívio despreocupado e alegre com soldados alemães, falando uns com os outros, de trincheira para trincheira, quando a proximidade dos seus entrincheiramentos tornava possível aquela conversação que, a maior parte das vezes, diga-se em abono da verdade, não ía além do *cigarette bone* e da *guerre non bone*.

Em fins de 1917, manifestava-se uma certa tendência para uma acalmia, que veio radicar no meu espírito a impressão de que a guerra estava a cair de pôdre e que os dois exércitos litigantes breve se lançariam nos braços um do outro, como dois palhaços que fartos de se agredirem na arêna do circo com bofetadas que umas luvas de coiro tornavam resoantes, acabavam a pantomima num cansaço tão evidente, que as bofetadas se transformavam em festas e bichinha-gatas...

Chegou a dizer-se que, no sector francês, os oficiais iam às trincheiras inimigas tomar chá com os seus camaradas alemães e que estes, por sua vez, retribuíam a visita pagando-a na mesma moeda, sendo nos intervalos do chasinho que a luta adquiria as proporções gigantescas que os comunicados da guerra referiam.

Isto dizia-se, correndo de bôca em bôca por todo o *front* sem que, contudo, tenha dados seguros para o afirmar.

Mas, é fora de dúvida, que o tal período de acalmiação se vinha esboçando, e tanto, que os ingleses, apreensivos com as conseqüências a que poderia dar lugar um tal estado de cousas, romperam com esta situação, determinando que em toda a frente de batalha, incluindo o sector português, se desencadeasse, em pleno dia de Natal, um formidável bombardeamento de... *boas festas*, o que efectivamente se realizou, tendo as nossas baterias de artilharia e as baterias de morteiros despejado, nêsse dia, sôbre as posições inimigas, uma verdadeira chuva de metralha a que, por sinal, o inimigo só respondeu, à meia noute de 31/1 de Janeiro de 1918, isto é, no momento preciso em que começava o novo ano. Era o seu cartão de *bôas entradas* pelo nosso *feliz* ingresso no ano que vinha de aparecer, amarga retribuição aos nossos cumprimentos de Natal!...

Havia flagrantes sintomas que impunham a necessidade de activar a vida das trincheiras, para movimentar e pôr em vibração o soldado que, dia a dia, estiolava numa quietitude adormecida, se bem que sob a ameaça constante da morte, na contingência em que sempre se encontrava de que uma gra-

nada o fôsse surpreender coçando na cabeça ou esgaravatando no nariz...

E, tanto maior era essa necessidade, quanto é certo os alemães, por seu lado, não perderem o seu tempo, aproveitando todos os momentos para a sua campanha dissolvente de baixa intriga, na estulta pretensão de nos indispor com as tropas inglêsas e no intuito de convencerem os nossos homens a assinárem a... *paz em separado*, como se dizia em calão de trincheira, convidando-os a fugirem para êles, com promessas sedutôras de um cativo cheio de confôrto.

Para o conseguirem, atiravam para as nossas linhas com morteiros *ananazes*, a que préviamente tinham tirado as espoletas e a que vinham amarrados prospectos e jornais, escritos em português, dando falsas noticias sôbre as suas vitórias e inventando derrotas para as tropas aliadas.

Outras vezes, estas noticias eram trazidas em pequenos balões. quando as não espalhavam directamente sôbre a Terra de Ninguem, em envelopes especialmente dirigidos aos soldados, desafiando-os à deserção, com instruções completas sôbre a forma como deviam fazer essa fuga, recomendando-lhes que fôsem desarmados... agitando na mão um lenço branco...

De um desses prospectos, escritos em português e todo consagrado a noticias do nosso país e com o título «Folhetim da Guerra», transcrevemos por curiosidade, a seguinte informação:

«*Portugal quer a Paz.*»

«O novo govêrno português dirige-se numa proclamação aos beligerantes:

«Basel 15-12-1917. O jornal *Daily New*, comunica: O novo govêrno revolucionário português dirigiu uma proclamação aos beligerantes, aconselhando-os e convidando nela os aliados a entrárem em conferências, devendo servir de base para as negociações a fórmula de acôrdo russa».

Êste jornal foi recebido nas nossas linhas em 29 de Dezembro de 1917.

Assim se passavam os dias numa relativa acalmação. Quanto às noites, nem por isso eram mais acidentadas nesta quadra, pois, quando se não matavam boches, matava-se o

tempo numa conversa pegada com o inimigo por intermédio das metralhadoras ligeiras, as quais, num constante dizer tu direi eu, se mantinham num diálogo incompreensível, é certo, mas que não deixava de ser interessante.

Logo que o sol desaparecia e que a noite vinha sobre nós, tinha a palavra a metralhadora, que num cumprimento de *bôas noites*, largava para as trincheiras inimigas a sua primeira rajada, logo seguida da resposta que o alemão nunca fazia demorar.

Trocados os cumprimentos, em breve se estabelecia o diálogo, nunca fazendo fogo uma metralhadora que outra não respondesse.

O resultado do tiro era problemático e incerto, porque a escuridão, não deixando ver os objectivos e sendo, além disso, a metralhadora de difícil fixação, o seu tiro era de mero acaso, quasi sem outra vantagem, durante a noite, do que a de levar ao inimigo a certeza de que estávamos vigilantes.

As rajadas sucediam-se pela noite adiante, estabelecendo-se um tiroteio de perguntas e de respostas de forma que, a uma rajada simples, correspondia outra de igual extensão e em tudo semelhante à primeira.

Se nós fazíamos de cá uma rajada interpolada com duas ou três parágens rápidas no meio, o inimigo respondia com as mesmas parágens numa imitação perfeita, como se fôra um eco; se as interrupções eram feitas no final da rajada, a resposta marcava, também, esta variante.

Era curiosa esta fase da vida das trincheiras a qual, muitas vezes, nos serviu de distração, obrigando-nos a rir em momentos em que o tédio e o aborrecimento pareciam têr-nos tomado à sua conta.

Estas conversações, porém, como disse, eram inofensivas, porque não obedeciam a quaisquer regras ou preceitos. Mas, por este processo, poder-se-ia transmitir todo o alfabeto de Morse e, então, fácil teria sido reatar com o inimigo a nossa conversação do *cigarette bonne* se não fôsse o receio de que o camarada inglês marcasse novo bombardeamento de *bôas-festas* por ocasião das amendoas...

Não vá depreender-se, do que deixo dito, que a vida nas trincheiras era um paraíso terrestre.

As trincheiras tinham os seus horrores, que eu não esqueço,

por muitos anos que viva, e lá passámos, maus bocados que, com certeza, nos tiráram anos de vida.

E, quando me refiro a estes períodos de acalmção, é dentro de um campo de relatividade e comparando-os com outros em que o nosso coração sangrou em horas bem amargas que passáram como as peores da minha vida.

*

* *

Tinha razão o nosso general ao impôr-nos o dever de apanhar um boche, se bem que isto de apanhar um boche, não fôsse a mesma cousa do que apanhar uma môsca. . .

E, quando a ordem chegou ao batalhão para o lançamento do *raid*, já todos os trabalhos de observação e de informação estavam completos e fácil foi organizar a coluna de ataque em que as escalas de nomeação do pessoal foram postas de parte para se aproveitarem os oferecimentos dos oficiais e das praças, na única dificuldade de proceder à sua escolha, porque o batalhão, em pêso, queria tomar parte no *raid*.

O *destacamento de assalto*, era comandado pelo alferes José Nobre da Veiga e compunha-se de um 2.^o sargento, 3 1.^{os} cabos e 27 soldados fraccionados em 5 grupos.

O *destacamento de apoio* do comando do alferes Candido de Campos Penedo, era constituído por um 2.^o sargento e 22 soldados.

Havia, além disso, duas patrulhas de protecção, destacadas nos flancos, do comando de sargento, com o efectivo de 8 soldados, tudo no efectivo total de 2 oficiais, 4 sargentos, 3 1.^{os} cabos e 65 soldados.

O objectivo do ataque era penetrar nas linhas inimigas com o fim de obter identificações.

A's 10 e meia da noute toda a coluna tomáva silenciosamente as suas posições na *Terra de Ninguem* esperando que a artilharia iniciasse o fogo, rompendo o arame inimigo, facilitando a escalada ao parapeito.

As instruções estáram dadas aos diferentes grupos e todos sabiam bem o que tinham a fazer, porque dessa tarefa se tinham incumbido os comandantes, dois oficiais distintos e briosos, cuja valentia era o penhor da sua acção de comando.

Ao destacamento de assalto competia entrar nas trincheiras e fazer prisioneiros.

O destacamento de apoio cuja acção se desenrolaria na Terra de Ninguém, tinha por missão apoiar aquêles no caso do inimigo se lançar em sua perseguição á baioneta. As patrulhas de flanco opôr-se-iam a que a coluna fôsse envolvida.

As restantes fôrças do batalhão conservavam-se a postos nas suas posições de combate nos entrincheiramentos, cooperando as baterias de morteiros e as metralhadoras pesadas na acção, batendo determinados pontos das posições inimigas.

Duas baterias de artilharia no seu trabalho de preparação, deviam rasgar as defezas accessorias do inimigo, abrindo passagem à coluna de assalto, executando um fogo intenso sôbre pontos determinados e durante três minutos, depois do que alongariam o tiro ajudando a fechar a caixa de barragem já iniciada pelas restantes baterias, servindo esta caixa de barragem para isolar o sector atacado, impedindo o seu reforçamento ou a retirada das fracções que o ocupavam.

É evidente que só depois da artilharia ter alongado o tiro, isto é, três minutos depois de iniciado o fogo, se deveria realizar o assalto.

As baterias dos sectores vizinhos ficavam de prevenção nos seus S. O. S. A artilharia pesada, pronta a intervir e o batalhão em apoio ficava em armas, pronto a avançar à primeira voz.

Tudo estava a postos. No batalhão havia um certo nervosismo, porque o espectáculo era completamente novo para todos, quando às 10^h e 57 minutos da noite a artilharia dá o primeiro sinal, rompendo vigorosamente o ataque.

Na minha qualidade de comandante do batalhão, fiquei desde êste momento sem saber o que se estava passando, porque desde que os destacamentos ocuparam a Terra de Ninguém, desapareceram as ligações entre estes e o comando.

No entanto, era evidente que a acção se estava desenrolando com um encarniçamento fora do vulgar, porque ao fogo da nossa gente o inimigo respondia com uma intensidade desesperada, despejando sôbre as nossas posições toda a metralha de que podia dispôr, e que devia ser imensa, a avaliar pelo barulho ensurdecidôr que chegava aos nossos ouvidos.

Momentos dolorosos foram estes, para mim e para todos, na incerteza do que se estava passando e a que a nossa inexperiência dava maior vulto, na convicção de que era impossível o destacamento regressar com vida às nossas linhas, tão estupenda e tão pavorosa era a grandiosidade terrificante do espectáculo a que estávamos assistindo, em que o troar do canhão e o estampido brutal dos morteiros, cruzando no espaço, transformavam aquela parte do sector num verdadeiro inferno de fogo, iluminado, agora, pelos clarões das peças, coados pelas nuvens densas da poeira que toda aquela metralha levantava ao enterrar-se no sólo, e que entrava pela bôca, secando-nos a língua, embaciando-nos a vista, numa atmosfera sufocante em que só o nome de Portugal rebrilhava em nossos corações, numa apoteose fantástica à bravura e à honra do soldado português que, assim, tão denodadamente se batia pela Pátria, sacrificando-se por ela, em cumprimento do sagrado Dever, que a todos unia naquêlo momento numa auréola de esperança de vêr ressurgir um Portugal maior.

Quando o destacamento regressou às nossas linhas, toda aquela santa gente vinha estropiada e coberta de lama, num esgotamento de nervos bem visível. Alguns soldados, completamente desnorteados, não sabiam o que diziam; outros julgavam-se, ainda, nas trincheiras inimigas; o sargento Casquinho que conseguira entrar nas posições inimigas, sofreu uma depressão moral tão intensa, que todos nós supozemos que iria enlouquecer; todos rôtos e esfarrapados, alguns feridos mas, não faltava ninguém.

O relatório do comandante descrevia sucintamente as diferentes fases do ataque, pondo em relêvo o esforço e a dedicação de todos.

Não se tinham feito prisioneiros, mas isso não desvalorizava a conduta dêsse punhado de valentes que tão bem se bateram pela honra de Portugal.

De resto, à diferença entre a tática inglêsa e a tática alemã, se deve atribuir esta circunstância porque, enquanto nós tínhamos a nossa 1.^a linha fortemente guarnecida com infantaria e nela nos defendíamos até à última, a 1.^a linha alemã tinha, apenas, umas simples vedetas, aqui e acolá, com instruções de evacuarem a linha ao ser iniciado o assalto.

Era nas linhas da retaguarda que o alemão resistia, sendo-lhe indiferente a nossa entrada na sua 1.^a linha que eles abandonavam espontaneamente, fazendo, depois, convergir sobre ela toda a acção formidável do seu fogo, sem se preocuparem com a destruição dos seus próprios entrenchamentos onde, aliás, tinham abrigos à prova, tornando, assim, insustentável a nossa permanência naquêles troços de trincheiras.

Os alemães eram, em geral, mais felizes nos seus *raids*, porque a nossa 1.^a linha era mais densa e nela nos aguentávamos à outrance, lutando até ao fim. Era-lhes, portanto, relativamente fácil levarem um pedaço de carne portuguesa, embora retalhada a golpes de baioneta; enquanto nós, apenas, podíamos indicar nas cartas... o sitio das pégadas por onde miseravelmente tinham fugido.

Ir mais longe no nosso avanço, até às suas linhas da retaguarda, era impossível, porque a nossa própria caixa de barragem não permitia semelhante avanço.

Só actuando por surpresa, se poderiam ter colhido os resultados em harmonia com o objectivo do ataque. Mas, para isso, seria necessária uma outra preparação que os nossos homens não tinham nem podiam ter ao lançarem o seu primeiro *raid*.


Foi brilhante a acção de 28, pelo que ela teve de abnegação e de sacrificio.

E, como exemplos desta natureza, só levantam o prestígio das instituições militares a que temos a honra de pertencer, aí ficam estas páginas como preito de admiração, bem sincero, pelos dois officiaes que tomaram parte no *raid* cujo esforço tão bem foi compreendido pelas restantes praças que voluntariamente os acompanharam e que honram, para todo o sempre, o batalhão a que pertencem.

Maio de 1919.

LUÍS DO NASCIMENTO DIAS

Major de inf.




Capitão Ferreira Martins

Mais um golpe nos desferiu a desapiedada garra da morte. A 17 de setembro faleceu em Coimbra o capitão José Ferreira Martins, antigo sócio da empresa da *Revista Militar*. Natural da Índia portuguesa (Tangim) completara o extinto 57 anos de idade a 17 de agosto. Assentou praça de voluntário no regimento de infantaria 3 em 25 de setembro de 1880, alcançando a promoção de alferes graduado para infantaria 23, em 22 de julho de 1885 e de alferes para caçadores 3, em 3 de novembro de 1887. Regressando logo ao regimento de infantaria 23, nomeado seu ajudante, conserva-se neste lugar ainda como tenente, a cujo posto foi promovido a 25 de maio de 1894, e só deixa o cargo quando a 31 de outubro de 1900, ascendeu a capitão, posto em que passou à reserva. Foi louvado pelo muito zelo e inteligente, boa e leal coadjuvação com que exerceu o cargo de ajudante. Era condecorado com a medalha militar de prata da classe de comportamento exemplar e com o gráu de cavaleiro de S. Bento de Aviz.

O capitão Ferreira Martins era muito versado em legislação, com o que prestou bom serviço à *Revista Militar*, quando esta mantinha a secção *Consultas*.

Oficial trabalhador, excessivamente modesto, de belo character, conquistava fundas simpatias em todos que com êle privavam e mereceu sempre dos seus chefes muita consideração e estima.

Registando nestas páginas o nome honrado e digno do capitão Ferreira Martins, a *Revista Militar*, presta-lhe o devido tributo de saudade e respeito à sua memória.



Pacifismo

«Do alto do tribunal supremo do poder legislativo, a razão condena sem excepção a guerra, como meio de fixar direitos; ela proclama como um dever absoluto o estado de paz. Pode provar-se que a idea de uma federação, que se estenderia insensivelmente a todos os Estados e que os conduziria assim a uma paz perpetua, é realizavel.»

KANT.

Falencia do Tribunal de Haia — A coerencia dos pacifistas

Terá sido a própria Alemanha, com o sonho de hegemonia dos seus intellectuais, que haja afinal provocado a realização dessa federação preconizada pelo seu insigne filosofo, brotando da recente Conferencia de Versailles?

Por muito que brilhe o desejo em tôda a humanidade de que assim seja, em face mesmo dos acontecimentos pelo mundo presenciados agora com a Grande Guerra, e que os homens de sciencia atribuem a causas inamoviveis, a duvida é licita e mesmo muito fundada.

Grandes foram as esperanças que se alimentaram com a conferencia promovida pelo tsar Nicolau II, e que a 29 de julho de 1899 encerrou os trabalhos na Haia, e afinal, o que tem sucedido depois disso?

Di-lo o sr. Barclay, presidente do Instituto de Direito Internacional, num estudo que tem sido bastante citado:

«Depois da criação do Tribunal de Haia, em 1899, houve seis guerras; a Sul-Africana, a Russo-Japonesa, a Turco-Italiana, a Turco-Balcanica, a Inter-Balcanica e o gigantesco conflito actual. Em nenhum dos *casus-belli* destas guerras houve materia para arbitragem. Tôdas foram guerras de aggressão, empreendidas deliberadamente com a mira de conquista.

Na guerra turco-italiana e na presente nenhuma tentativa se fez, antes da declaração de guerra para regular amigavelmente as supostas divergencias, se as havia, mas ainda depois dela declarada não se reservou ocasião em que pudesse ter lugar uma mediação a incidir sôbre a menor materia susceptível de arbitragem, que não havia, quer num, quer noutro caso.

Na guerra Inter-Balcanica, as hostilidades explodiram sem haver mesmo uma declaração de guerra. Na Turco-Balcanica dispensou-se até a apparencia de agravo, e no conflito Sul-Africano, em que os agravos foram de antemão postos em evidencia e houve tempo para se fazer a arbitragem, recusou-se terminantemente êste recurso.

É evidente que quando uma das partes está decididamente mal colocada, não aceita de bom grado a arbitragem. Podemos, pois, eliminar das possibilidades do Tribunal de Haia todo o recurso em que uma das partes em litigio tenha um fim inconfessavel, que os principios da justiça fariam condenar».

Demais são conhecidas as infracções às convenções de Haia cometidas sem robuço algum durante o recente conflito.

Contudo nota-se que o valor do direito internacional conserva ainda defensores entre os juristas latinos. O procurador geral em Lyão, William Loubat, diz numa sua dissertação: «O direito é superior à força como o dia é superior à noite. Os ataques que sofre não o poderão aniquilar». Discorrendo sôbre as bases em que deve firmar os seus alicerces, diz: «Havia-se contado com a opinião publica, mas viu-se a indiferença e a impassibilidade dos países neutros perante as mais escandalosas violações do direito internacional para cuja instituição haviam contribuido». E reconhecendo a insufficiencia da opinião publica para sustentaculo do direito, é coagido a invocar a força dos exercitos afirmando que *«a verdadeira civilização consiste em colocar a força ao serviço do direito, que o direito apoiado pela força é formidavel e que sem ela estará condenado a parecer»*.

Ora, temos que foi precisamente isto, com pequenas variantes, o que disseram os alemães; eles proclamaram também que *o direito não pode subsistir sem o apoio da força*.

O pior é que o *direito* dos alemães é muito para uso deles.

Surge agora a *Liga das Nações* e os pacifistas fundam grandes esperanças nessa Associação. O que se está passando, porem, em torno dessa idea?

No nosso Parlamento foi já proposta a dissolução do exercito portugûes. Os pacifistas de Portugal são homens de acção, não teem hesitações. Será, porem, tal proposta aceitável perante os supremos interesses do País?

Reproduz-se agora exactamente o que se tentou fazer também por parte dos pacifistas, após a instituição do Tribunal de Haia, não servindo de lição os esmagadores desmentidos à sua eficacia, aliás tão apregoada pelos sonhadores da paz universal.

Não deixam de ser coerentes. Se o Tribunal de Haia lhes bastava, mais lhes deve bastar a Liga das Nações com o seu sequito policial.

Mas...

A teoria do pacifismo é falsa

Baixando do vôo das teorias ao campo prático em que as realidades se esbatem, somos esmagados pela força da evidencia de que o pacifismo, procurando a paz universal, concorreu, em virtude dos processos erroneos seguidos pelos seus adeptos, para que a guerra afogasse a Europa em sangue. A mais horrorosa guerra do mundo, desde que o homem habitou a terra, foi possivel por consequencia exactamente de alguns povos se deixarem avassalar pelas ideas pacifistas e aceitarem os ditames dos seus evangelizadores. Um sacrificio dos mais formidaveis, em sangue generoso e capitais incalculaveis que tão utilmente poderiam ter sido applicados, para só se reconhecer a insubsistencia da doutrina!

Há entre nós uma autoridade cujas opiniões oferecem o peso da razão maxima favorecida por uma intelligencia de raro quilate e um estudo consciencioso por longo e aturado estadio numa carreira de brilho não vulgar. Pois essa autoridade, que os fumos do militarismo não cega, diz num livro, celebre já, que ultimamente deu a lume: "... Emquanto a biologia representar a fiel descrição das leis naturais, que regem a constituição dos seres vivos, o Pacifismo não logrará outra demonstração, que não seja a da inconveniencia da sua

falaz propaganda. Aos efeitos desta deveram as nações aliadas, não só o adormecimento dos seus dotes viris, que lhes fez outrora conquistar a preponderancia mundial, e que só os mais terriveis perigos e atrozes sofrimentos agora conseguiu despertar, mas o descuido na sua organização, que foi traduzido na perda de milhões de vidas e de capitais tão assombrosos, que, em face deles, bem mesquinhos se deveriam considerar os resultantes da sua devida e oportuna preparação para a guerra». (1).

Assim é. E a pertinacia no erro é contumaz de forma a sobressaltar-nos. Até que foi arremessada na luta, até ao desgraçadamente memoravel dia 1 de agosto de 1914, nenhuma nação era mais pacifista do que a França. Esteve à beira do abismo por isso mesmo!

A Belgica, pacifista por excelência, estava já esmagada; os cheques sucessivos sofridos pelos franceses trazem os alemães às portas de Paris: e os pacifistas trabalham pela não intervenção da Italia a favor da França!

Arrasta-se a guerra desoladoramente para a Humanidade,—essa Humanidade da invocação dos pacifistas—; o resultado final mantem-se nos dominios duma tremenda incognita: e os pacifistas esfalfam-se—num esforço que secunda a criminosa acção da diplomacia alemã— para que os Estados-Unidos da America do Norte não lancem a sua decisiva espada na balança da Justiça a faze-la pender para o lado dos Aliados. O que teria sucedido, no entanto, se os pacifistas teem alcançado exito para os seus designios? Indubitavelmente a vitoria da Força sôbre o Direito, escacarando insondavel abismo entre um e outro.

O homem moderno, cego pela luz deslumbrante duma civilização rica, pela exuberante accumulção de descobrimentos valiosos que não cessam, e melhorando dia a dia as condições da sua existencia, julga-se emfim ao abrigo das devastações das epocas em que imperou livre o barbarismo.

Afigura-se-lhe que os costumes se purificaram para sempre; crê no direito internacional estabilizado pela sua própria força. E o pacifismo torna-se um dogma.

(1) General Moraes Sarmiento — *A Expansão Alemã*.

Mas eis que de subito, na doce paz em que decorria a vida fuzilam os relampagos duma espantosa tempestade, que desola na sua passagem, não só os povos, os monumentos, as cidades, mas até as aquisições morais realizadas seculos após seculos, à custa de esforços sem conto. Espezinhado o respeito devido aos tratados, torcidos os direitos consagrados como inviolaveis e desprezados os codigos a que se abrigavam os fracos, a *Força*, na sua plenitude barbara, ameaça dominar o mundo!

É que segundo está por demais reconhecido não existe nenhum paralelo entre a inteligencia criadora e o character que regula o procedimento. Sendo certo que a inteligencia progrediu com o decurso das idades, não deixa igualmente de ser verdadeiro que os sentimentos dos homens permanecem imutaveis, porque nunca a inveja, a ferocidade, a ambição e o ódio escolheram hora para manifestar-se. A instrução ampliou a visão do Universo, mas não conseguiu influenciar no homem o character que herdou dos antepassados; por mais sciencia que adquira, o bárbaro ha-de conservar-se sempre submetido à sua mentalidade própria — de bárbaro. A mentalidade das famílias, como a das raças, transmite-se de geração em geração. A educação e as circunstâncias derivadas da inconstancia do meio, poderão exercer um domínio na vontade consciente, mas só enquanto qualquer acção suficientemente forte não faça explodir as paixões, porque então o procedimento dos indivíduos, como o das multidões, será regulado pela vontade inconsciente, que é constituída pelo conjunto de elementos ancestrais, na maioria das vezes heterogéneos, em absoluto distintos nas várias raças e a cujo invencível impulso não é dado aos seres humanos subtrairem-se. E' por isso que os psicólogos estabeleceram, que os mortos mandam mais do que os vivos.

Prevenirmo-nos contra um cataclismo é mais pratico e por isso mais util, que elaborar dissertações àcêrca das suas causas e uma vez que estas sejam conhecidas. A esta prevenção tem-se, porem, oposto entre alguns povos, o pacifismo, essa ilusão, que, entre todas, arrastou a nobre França à beira do pavoroso abismo em que tão próximo esteve a despenhar-se. Nesse país, os progressos do pacifismo aumentavam día a dia. Os socialistas, prégando a luta de classes, pretendiam estabe-

lecer a paz entre os povos; e crentes nos efeitos da obra já realizada tinham fé na fraternidade dos *irmãos* dalem-Reno e por sua vontade a França havia-se de todo desarmado! Bastaria a união dos trabalhadores de ambos os países, para a guerra nunca rebentar. Falaz ilusão!

E apesar da Grande Guerra ter demonstrado pela forma a mais esmagadora os perigos resultantes dos erros dos pacifistas, estes, com os socialistas à frente, não se mostram convertidos à verdade palpavel dos factos. Quer dizer, o mal subsiste. E subsiste pela visionice de que o pacifismo enferma, e que leva os seus proselitos a pôr de lado condições preponderantes, que enquanto existirem (e difficilmente deixarão de existir) nunca permitirão que a idea por muito bela que seja se transforme numa realidade.

O pacifismo em França era, antes da guerra, evangelizado principalmente pelos professores, mais em contacto — no dizer de Gustavo Le Bon — com a lógica tomada dos livros do que com o conhecimento das paixões humanas. Entre as ilusões pacifistas que os clarões ofuscantes da guerra mais rápido fizeram desvanecer, contem-se a concepção querida de todos os socialistas, desde o fundador do socialismo moderno, Carlos Marx, na qual se estabeleceu que não é a Patria, mas sim a identidade de condição social que constitue o liame entre os homens. O operário alemão e o operário francês são irmãos, e visto isso, e unicamente pelo facto da profissão que exerce, o operário francês encontra-se como inimigo do seu compatriota pertencente à burguesia, isto é, a uma classe diferente.

Tal é a base do internacionalismo operário, que tem por meio a luta de classes. Os trabalhadores de todos os países devem unir-se contra os capitalistas. A guerra entre as classes substituiria a guerra entre os povos; o antagonismo das nações seria deslocado pelo entendimento universal dos trabalhadores. O conceito de classe eliminaria o conceito de Patria.

O que succede porem com a Grande Guerra? Succede que a experiência, bem mais decisiva que os discursos, provou que semelhante teoria era falsa, pondo em evidencia que na sua concepção se não atendeu às iniludiveis leis psicológicas, pois que o homem, antes de pertencer a uma profissão, pertence em primeiro lugar a uma raça e a voz desta raça é muito mais potente do que a dos interesses profissionais. Fácilmente se

muda de profissão, com dificuldade se transfere de raça. Foi precisamente por semelhante razão, que na França e na Alemanha, simultaneamente com o rompimento das hostilidades, os interesses da Patria se impuseram aos das classes, usurpando-os em absoluto, e sucessivamente sucedeu o mesmo nos outros países que foram tomando parte na luta.

E viu-se a idea pueril da greve internacional dos trabalhadores, em caso de guerra, desfazer-se como fumo. Em nenhuma das nações que inicialmente entraram na luta, um operário só que fosse invocou os interesses da sua classe. A primeira voz e sem discussão, todos à uma formaram sob a bandeira do país a que pertenciam, revelando assim a insubsistência da ilusão internacionalista.

Num dia, a guerra resolveu problemas, que a argumentação mais bem fundada seria incapaz de esclarecer.

(Continúa).

MELLO E ATHAYDE

Ten. coronel



Quadro de Honra do Ultramar Português

Baixas na Africa Oriental desde 1914

Mortos em virtude de ferimentos em combate:

Oficiais :

Alferes de artilharia, Ernesto Luiz Lemonde Macedo.

» » infantaria, José de Campos Rego.

Armada :

Segundo grumete n.º 5:984, Edmundo Mendes Ferreira.

Exército metropolitano

Batalhão de telegrafistas de campanha :

Primeiro cabo n.º 577, Manuel Domingos Martins.

Soldado n.º 86 da 3.ª companhia, Eduardo Pereira.

Regimento de artilharia de montanha :

Segundo sargento da 5.ª bateria, José Gonçalves Ribeiro.

Regimento de infantaria n.º 12 :

Soldado n.º 472 da 7.ª companhia, Manuel de Jesus Ferreira.

Regimento de infantaria n.º 30 :

Soldado n.º 428 da 11.ª companhia, Basílio da Silva Ferreira.

Guarnição de Moçambique

Segundo sargento n.º 1:422 da 5.ª companhia de deposito e recrutamento, Manuel Gomes Santinho.

Soldado n.º 463 da 8.ª companhia indigena de infantaria, Manera.

Segundo sargento da 10.ª companhia indigena de infantaria, Albano Moreira de Almeida.

Contingente de Macau

Soldado n.º 1:178, Domingos Magno.

Mortos por doença adquirida em serviço de campanha :

Oficiais :

Capitão de infantaria, Carlos Augusto de Mascarenhas Gomes.

Alferes miliciano de artilharia, Antonio Martins Campos Carvalho.

Alferes do quadro privativo, Antonio Mendes Junior.

Armada :

Primeiro grumete, Antonio Rodrigues.

» » n.º 4:849, Francisco da Costa.

Segundo artelheiro, João Carvalho.

Exército metropolitano

Batalhão de telegrafistas de campanha :

Soldado n.º 1:057 da 1.ª secção de telegrafia por fios, Francisco Sousa Rosado.

Regimento de Artilharia n.º 6 :

Primeiro cabo n.º 655 da 3.ª bateria, Antonio Monteiro.

Soldado ferrador n.º 96 do esquadrão de ferradores, Antonio Pinheiro da Costa.

Regimento de artilharia de montanha :

Soldado n.º 753 da 1.ª bateria, Antonio Henriques.

Primeiro cabo n.º 668 da 3.ª bateria Antonio Pinto de Seabra.

Soldado da 5.ª bateria, Antonio Dias.

» » » » n.º 516, Adrião Soares Esteves.

» » » » n.º 534, Manuel Antonio dos Santos Silva.

» » » » n.º 570, Luiz Antonio Baptista.

» » » » n.º 637, Francisco Mingoto.

Segundo sargento n.º 858 da 6.ª bateria, José Rodrigus Moreira.

Primeiro cabo n.º 457 da 6.ª bateria, João da Mota Alves Pereira.

Segundo cabo n.º 931 da 6.ª bateria, João Monteiro Ganhão.

Clarim n.º 1:046 da 6.ª bateria, Carlos da Silva.

Soldado n.º 444 da 6.ª bateria, José Antonio Carvalho.

» » 494 » » » Luiz Antunes.

» » 532 » » » Antonio Albano.

» » 1:093 » » » Manuel Antunes Junior.

Regimento de cavalaria n.º 4 :

Soldado n.º 1:316 do 2.º esquadrão, Antonio Francisco.

Regimento de cavalaria n.º 5:

Soldado n.º 800 do 1.º esquadrão, Tomaz José Vieira.
 » » 389 do 2.º » Romão Antonio.

Regimento de cavalaria n.º 8:

Segundo cabo *chauffer* n.º 167/386, Antonio Batista.

Regimento de cavalaria n.º 9:

Segundo sargento n.º 84 do 2.º esquadrão, Gastão Pereira Marques Marinho.

Regimento de infantaria n.º 3:

Segundo sargento n.º 596-E, José Antonio Ramalhosa de Sousa.

Regimento de infantaria n.º 7:

Primeiro sargento n.º 546-E da 7.ª companhia, Antonio Gregorio.

Regimento de infantaria n.º 8:

Segundo sargento da 7.ª companhia, Antonio José da Silva.

Regimento de infantaria n.º 13:

Segundo sargento n.º 414 da 1.ª companhia, Francisco Morais.

Regimento de Infantaria n.º 17:

Segundo sargento n.º 316 da 9.ª companhia, Manuel Dimas da Silva.

Regimento de Infantaria n.º 18:

Segundo sargento n.º 487 da 11.ª companhia, João Ribeiro.
 » » » 567-E da 12.ª companhia, João Moreira.

Regimento de Infantaria n.º 21:

Soldado n.º 563 da 11.ª companhia, Manuel Chiote.

Regimento de Injantaria n.º 23:

Soldado n.º 14 da 3.ª companhia, Antonio Maria Pereira.
 » » 48 » » » Manuel Nunes.
 » » 71 » » » Feliciano Dias da Silva.
 » » 100 » » » Antonio de Almeida.
 » » 203 » » » Manuel Maria Oliveira.
 » » 283 » » » Carlos de Almeida.
 » » 292 » » » Florindo Dias Pires.
 » » 580 » 9.ª » Joaquim Evangelista Ferreira.
 » » 428 » 10.ª » Emidio Roque Neto.
 » » 471 » » » José Nunes.
 » » 508 » » » Emilio Rodrigues Camilo.
 » » 428 » 11.ª » Miguel Elias.
 » » 446 » » » Manuel Cordeiro.
 » » 617 » 12.ª » José Maria.

Regimento de infantaria n.º 24:

Soldado n.º 778 da 9.^a companhia, José dos Santos.
 » » 593 » 11.^a » Manuel da Silva.

Regimento de Infantaria n.º 28:

Soldado n.º 454 da 9.^a companhia, Daniel Ramalho.
 » » 520 » » João Pereira Chegadinho.
 » » 481 » 11.^a » Daniel Moreira.
 » » 415 » 12.^a » Constantino de Almeida.

Regimento de Infantaria n.º 29:

Segundo sargento n.º 445 da companhia tática, José Augusto.
 » » » 501 da 7.^a companhia, Antonio Duarte de Barros
 Coutinho.

Soldado n.º 24-U Dep., Antonio Simões.
 » » 146-U Dep., Rosendo Apolinario.
 » » 708-U Dep., Custodio de Magalhães.
 » Agostinho Escari.

Segundo sargento n.º 615 da 10.^a companhia, Amalio Joaquim Mesquita.

Soldado n.º 414 da 10.^a companhia Alberto da Silva Couto.
 » » 504 » » Manuel Barroso.
 » » 107 » 11.^a » José Luiz de Campos
 » » 529 » » Manuel Gomes Pinto.
 » » 567 » » Manuel José Fernandes.
 » » 585 » » José Antonio Alves.
 » » 263 » 12.^a » Julio Antonio Gomes.
 » » 622 » » Domingos Maria.

Regimento de Infantaria n.º 30:

Soldado n.º 223 da 9.^a companhia, Toribio José dos Santos.
 » » 442 » » Manuel Jose Pereira.
 » » 455 » » Godofredo Pereira.
 » » 344 » 10.^a » Luiz Moreira Gaspar.
 » » 445 » 12.^a » Armindo Monteiro.

Regimento de Infantaria n.º 31:

Segundo sargento n.º 359, José de Oliveira Araujo.
 Soldado n.º 298 da 2.^a companhia, Agostinho Pinto Pereira.
 » da 11.^a companhia, Ernesto Pereira.
 Soldado n.º 416 da 12.^a companhia, João Pereira da Silva.

Regimento de Infantaria n.º 35:

Soldado n.º 44 da 3.^a companhia, Agostinho Martins.

1.º grupo de metralhadoras:

Soldado n.º 132 da 3.^a bateria, Francisco Venancio.

3.º grupo de metralhadoras:
Soldado n.º 75 da 3.ª bateria, Joaquim Teixeira.

4.º grupo de metralhadoras:
Primeiro sargento n.º 354, Raul Ricardo Guerreiro.

8.º grupo de metralhadoras:
Segundo sargento n.º 265, Luiz Eugenio Camacho.

2.º grupo de companhias de saúde:
Soldado n.º 427 da 2.ª companhia, Celestino Rodrigues.

3.º grupo de companhias de saúde:
Primeiro cabo n.º 475, Manuel Correia.
" " " 243 da 6.ª companhia, Joaquim Augusto da Silveira
Pimentel.

Guarnição de Moçambique

Segundo sargento da bateria mixta de artilharia de Lourenço Marques, Isidoro Antonio.

Primeiro cabo n.º 1:212 da companhia europeia da guarda republicana de Lourenço Marques, Jaime Batista.

Segundo cabo n.º 2:057 da companhia europeia da guarda republicana de Lourenço Marques, José Dias.

Soldado n.º 1:931 da companhia europeia da guarda republicana de Lourenço Marques, Antonio José Cerqueira.

Soldado n.º 2:732 da 1.ª companhia europeia de infantaria expedicionaria, Antonio Tavares.

Soldado n.º 2:497 da 2.ª companhia europeia de infantaria expedicionaria, Joaquim Abrantes.

Soldado n.º 2:544 da 2.ª companhia europeia de infantaria expedicionaria, Antonio Monteiro

Soldado n.º 2:600 da 2.ª companhia europeia de infantaria expedicionaria, Antonio Velha.

Segundo sargento n.º 1611, da companhia de saúde de Moçambique, Carlos Maria da Silva Lobo.

Primeiro cabo n.º 1:652 da companhia disciplinar, Hermano Ferraz de Magalhães.

Primeiro sargento da 2.ª companhia indigena de infantaria, Daniel Francisco Coelho Junior.

Primeiro cabo n.º 2:333 da 17.ª companhia indigena expedicionaria, José Pimenta Grilo.

Contingente de Macau:

Soldado n.º 1:474, José Sampaio.

Civil:

Ajudante de serralheiro, Raul Pereira Aires da Silva.

Baixas na provincia de Angola

Mortos em virtude de ferimentos em combate :

Officiais :

Alferes de cavalaria, Joaquim Maria Alves.

» » » Manuel Antunes Sereuo.

Grupo de artilharia de guarnição :

Soldado n.º 341 da 1.ª companhia, Diogo Fério.

3.ª secção de artilharia de montanha:

Soldado n.º 36/69, Constantino Marques.

2.º esquadrão de dragões :

Soldado n.º 70/70, Francisco Dias.

Primeiro sargento n.º 3/764 da 17.ª companhia indigena de infantaria, Angelo Vaz Mocho.

Segundo sargento da 21.ª companhia indigena de infantaria, André João Pereira.

Segundo sargento n.º 79/894 da 22.ª companhia indigena de infantaria, João dos Santos.

Primeiro cabo n.º 12/239 da 32.ª companhia indigena de infantaria, Manuel Rogado da Silva.

Morto por doença adquirida em serviço de campanha :

Primeiro cabo da 32.ª companhia indigena de infantaria, Antonio Leite.

Eliminações por indvidamente incluídos no Rol de Honra

Manuel Sanelho, soldado n.º 162 do 1.º esquadrão de dragões de Angola.

Manuel Carvalho, soldado n.º 1:054 do 1.º esquadrão de dragões de Angola.

Rectificações

O soldado n.º 157 do 1.º esquadrão de dragões de Angola, mencionado na primeira lista do rol de honra, chamava-se Francisco Matias Bragoso e não Francisco Matias Fragoso.

O soldado n.º 25 da 1.ª companhia europeia de infantaria de Angola, mencionado na mesma lista, chamava-se Anibal Nunes do Nascimento e não Anibal Nunes do Desamparo.

CRÓNICA MILITAR

Alemanha

Reorganização do exercito alemão.—Após o grande descalabro produzido no exercito pelas continuas e violentas revoluções que rebentaram em diferentes pontos do imperio germanico, varias tentativas se teem feito para reorganizar o exercito, servindo, pelo menos, como mantenedor da ordem. Primeiro organizou-se um exercito de 300.000 homens para se opôr à invasão polaca; mas os elementos com que se constituiu êste exercito eram tão heterogeneos, que teve de ser dissolvido. Recorreu-se então aos antigos quadros de officiais e sargentos, sendo grande a affluencia dêstes elementos.

Constituíram-se então 22 brigadas, cada uma a 2 regimentos e êstes a 3 batalhões de 3 comp.^{as}, e os elementos das diversas armas indispensaveis. As diferentes unidades teem os seus quadros excessivamente reforçados com o intuito de se formarem rapidamente novas unidades. Com o fim de se aumentar mais os quadros, numerosas *escolas de guerra* se teem criado em diversos pontos da Alemanha, sob o disfarce de *escolas de gendarmeria* e da *guarda nacional*. Os officiais são na maioria da Prussia. Nas *escolas de ginastica* preparam-se os quadros de sargentos para assim se poder constituir um grande exercito, logo que as circunstancias o permitam.

Estados-Unidos

Novo projecto de organização militar.— Foi apresentado ao Congresso um novo projecto de lei, estabelecendo um exercito regular cujo efectivo será de 400.000 homens e 21.000 officiais. Os creditos para a organização das forças militares ascendem a 800 milhões.

O projecto naval, ainda que mais reduzido que o primeiro projecto apresentado, traz também um aumento consideravel das forças navais. Êste aumento de forças militares numa nação que se propõe fazer parte da Liga das Nações, cujo objecto é a pacificação dos povos, é bastante significativo; isto é, as nações da Liga preparam-se para a guerra para obrigarem pelas armas a estar em paz quem o não queira estar.

A sanção das resoluções da Liga será, portanto, obtida por meio das armas; isto é, pela guerra. As nações pequenas e fracas devem registrar êste meio de pacificação.

Efectivos de uma divisão americana :

Quartel general	164	oficiais e praças
2 brigadas de infantaria a 2 regimentos e 1 batalhão de metralhadoras	16.420	»
1 batalhão divisionario de metralhadoras (4 companhias)	768	»
1 brigada de artilharia de 3 regimentos e 1 bateria de morteiros de trincheira	5.068	»
1 batalhão de comunicações	262	»
1 regimento de engenheiros	1.666	»
Policia militar e comando dos trens	337	»
Coluna de munições	962	»
Trem de engenharia	84	»
Destacamento sanitario (4 companhias de ambulancia e 4 hospitais de campanha)	949	»
Total	27.152	»

O esforço americano na grande guerra.

Em julho de 1917 a America enviou para a Europa	20.000	homens
» agosto » » » » » » » »	18.000	»
» setembro » » » » » » » »	24.000	»
» outubro » » » » » » » »	16.000	»
» novembro » » » » » » » »	30.000	»
» Dezembro » » » » » » » »	350.00	»
Total em 1917	139.000	»
» janeiro de 1918 » » » » » » » »	50.000	»
» fevereiro » » » » » » » »	34.000	»

A ofensiva alemã do Somme leva a America a apressar o envio de maiores effectivos :

Março de 1918	64.000	homens
Abril » »	93.000	»
Maio » »	244.900	»
Junho » »	278.000	»
Julho » »	308.000	»
Total em 1918	1.071.000	»
	139.000	»
Nos 2 anos de guerra	1.210.000	»

Em 1 de agosto estavam já 13 divisões na frente.

Sob o comando do general Pershing a hernia de S.^t Mihiel estava reduzida após 27^h de combate. No assalto à posição de Argonne, de 26 de outubro a 11 de novembro, foram empenhados 580.000 americanos, ficando 148.000 fóra do combate. Em Montfaucon, em Varennes, em Vanquois, no

bosque de Forges os americanos tomaram uma parte activa (*Le Temps*, agosto-1919).

França

Diversas disposições relativas à instrução militar.—Com o fim de preparar os homens das unidades (soldados, sargentos e oficiais milicianos) com os conhecimentos necessários para o exame de admissão na escola de S.^t-Cyr, foram criados *cursos preparatórios* em certas guarnições, cujo funcionamento foi iniciado a 1 de abril. Os professores desses cursos, são escolhidos entre os oficiais das unidades. Os candidatos devem ter 18 a 26 anos e possuir já o curso dos liceus. Nalgumas guarnições, como em Strasburgo, foram também criados cursos especiais de mathematica, de fisica e química, que serão frequentados pelos militares das diversas armas, que já tenham seguido um curso preparatório para as escolas militares, ou tenham o diploma de bacharel em sciencias.

Foram suprimidos em março os *cursos abreviados*, que funcionaram durante a guerra, com character eventual e que tinham por fim preparar candidatos ao posto de oficial, voltando-se agora à normalidade; isto é, ao funcionamento das antigas escolas militares. Os oficiais de complemento que queiram entrar nos quadros permanentes terão de frequentar os cursos regulares durante o tempo julgado indispensavel para ficarem nas condições dos outros officiais.

Efetivos mobilizados durante a guerra.

Em agosto de 1914 o exercito francês compreendia 92.828 officiais e 3.780:000 homens; em fevereiro de 1915 tinha 97.830 officiais e 4.900:000 homens; em 1916 tinha 109.814 officiais e 5.000:000 homens; em janeiro de 1918 havia 128.372 officiais e quasi o mesmo efectivo de tropa. Nesta data havia :

2.106:775 homens de infantaria, 166.423 de cavalaria, 899.645 de artilharia, 185.110 de engenharia, 59.285 do corpo de aviação. As diferentes armas entravam, portanto, nas seguintes proporções : infantaria, 40 %; artilharia, 17 %; cavalaria, 3,5 %; engenharia, 3,75 %; aviação, 1,25 %; serviços auxiliares, 34,5 %.

As perdas do exercito francês na guerra.

Segundo as estatisticas organizadas no Estado Maior e enviadas ao Ministerio da Guerra, as perdas sofridas pelo exercito até 11 de novembro de 1918 foram as seguintes :

Mortos	{ officiais	32:200
	{ soldados europeus.....	1.025:500
	{ indígenas da Africa do Norte.....	8:000
	{ indígenas coloniais.....	24:000
	Total.....	1.089:700
Desaparecidos	{ officiais	2:500
	{ soldados europeus.....	246:500
	{ indígenas da Africa do Norte	9:000
	{ indígenas coloniais	7:300
	Total.....	265:300
O número de mortos e desaparecidos é pois de.....		<u>1.355:000</u>

Mr. Luis Marin, relator geral da comissão de guerra, indica como efectivos mobilizados desde 2 de agosto de 1914 a 1 de janeiro de 1919 :

Francêses	{ oficiais.....	195:000
	{ soldados.....	7.740:000
Indigenas	{ Atrica do Norte.....	255:000
	{ colonias.....	220:000
Total.....		8.410.000

Vê-se que houve, em relação às forças mobilizadas, 17,7 % de perdas em oficiais, e 16 % em soldados.

Na marinha houve 282 oficiais e 5.239 marinheiros mortos e 197 oficiais e 5.017 marinheiros desaparecidos.

A marinha tinha mobilizado um efectivo de 215.000 oficiais e marinheiros.

Russia

Organização militar bolchevista.—Em virtude do decreto de agosto de 1918 publicado por Trotzky, commissario do povo, a *divisão de infantaria* tem a seguinte composição :

- a) Um estado maior;
- b) Tres brigadas de infantaria;
- c) Um regimento de cavalaria com 4 esquadrões;
- d) Um regimento de artilharia de campanha com 3 grupos de 3 batarias a 4 peças;
- e) Um grupo de 3 batarias de morteiros e parque;
- f) Um grupo de 2 batarias de artilharia pesada a 4 peças e parque;
- g) Um batalhão de sapadores;
- h) Uma companhia de telegrafistas;
- i) Um batalhão especial de comunicações (motociclistas, automobilistas, telefonistas, radiotelegrafistas e estafetas);
- j) Duas esquadrilhas de 6 aeroplanos cada uma, sendo uma de caça e outra de exploração;
- k) Uma esquadrilha de balões.

A brigada de infantaria tem 2 regimentos a 3 batalhões e estes a 3 companhias de 226 homens (6 oficiais, 11 sargentos, 144 fuzileiros, 10 granadeiros, 26 metralhadores, 9 exploradores, 14 maqueiros e 6 cozinheiros).

Além das metralhadoras de companhia, cada regimento tem à sua disposição directa 12 metralhadoras e 4 bombardas.

A *instrução militar* é obrigatoria, sendo ministrada aos mancebos até aos 16 anos de idade nas escolas, e por isso está a cargo do ministerio de instrução publica; dos 18 aos 40 anos, fica a cargo do commissariado do povo dos negocios militares.

Esta instrução dura 2 mezes, sendo 12 horas por semana, ou sejam 96 horas assim distribuidas: 12 horas de ginastica, 32 horas de exercicio de tiro e 52 horas nos serviços de campanha.

Diversos

A radio-telegrafia e a aviação applicadas aos levantamentos topograficos.

— O engenheiro americano Hays Hammond tem ultimamente empregado um processo que permite rapidamente *levantar* uma grande porção de terreno.

Para isso são colocados dois grupos de radio-goniometros à distancia de 80 a 100 km., os quais recebem os sinais transmitidos por um aeroplano, dotado de uma poderosa estação radio-telegrafica. O aeroplano vai percorrendo o contorno da região que se quer *levantar*. Cada aparelho radio-goniometrico vai acusando a direcção em que se encontra o aeroplano no momento em que envia o sinal, de forma que as intersecções das direcções dadas pelos dois grupos radio-goniometricos, vão dando as posições do aeroplano sobre a carta, e desta forma fica desenhado o contorno da região a reproduzir.

Para obter os detalhes, o aeroplano, ao transmitir cada sinal, obtém uma fotografia vertical do terreno, que lhe fica por baixo.

Estação radio-telegrafica de grande potencia.— Actualmente está-se construindo no Japão a mais potente estação radio-telegrafica, que permitirá ligar directamente o Japão com S. Francisco da California. As instalações estão orçadas em 400.000 escudos.

A magnesia como agente purificador das águas.— Tem-se ultimamente empregado a magnesia para neutralizar as águas acidas.

Empregam-se vinte partes de magnesia como equivalendo a vinte e oito partes de cal ou cincoenta e tres de carbonato de sodio.

A magnesia tem grande vantagem em relação à cal, por isso que o sulfato de magnésio é extremamente solúvel, o que não succede ao sulfato de cálcio (gesso), que produz a obstrução nas canalizações.

Também a magnesia leva vantagem ao carbonato de sodio por ser muito insolúvel na água, enquanto que o carbonato de sodio se dissolve facilmente, o que dá logar a perdas durante a operação.

Aplicações do magnésio.— Durante a actual guerra se tem feito importantes applicações de magnésio, o qual entra na proporção de 92 % para 9 % de alumínio para constituir uma *liga*, cujo peso especifico é de 1,75 e cuja resistencia é comparavel ao metal das peças de artilharia.

Estas qualidades permitem empregar com grande vantagem o metal da nova liga na construção de peças diversas dos aeroplanos e de automoveis. O peso especifico do magnésio é de 1,74 e o do alumínio é de 2,6.

As algas marinhas como um sucedaneo de forragem.— Ultimamente tem sido empregadas as algas marinhas, e em especial a *laminaria flexicaulis*, muito abundante nas costas do Oceano. O intendente militar Adriano durante a grande guerra applicou com vantagem as algas laminarias parcialmente desmineralizadas à alimentação dos cavalos em França.

Tendo previamente feito diversas experiencias, chegou à conclusão que a referida alga pode parcialmente substituir a aveia.

Ultimamente M. Sauvageau, professor da faculdade de sciencias de Bordéos e o veterinario Moreau, procederam a novas experiencias sôbre cavalos de tiro, aos quais foram exigidos trabalhos sucessivos e fortes.

Dessas experiencias concluíram que ao principio a maioria dos cavalos difficilmente comem as algas, mas que no fim de tres ou quatro dias comem com facilidade uns 5 kilogr. de algas por dia, constituindo um alimento de conservação e de trabalho (*Memoria apresentada à Academia das Sciencias de Paris*).

A destruição dos gafanhotos.—Como o nosso país por mais de uma vez é mimoseado por uma invasão de gafanhotos, como ainda êste ano tive occasião de observar na região que vai da Bemposta a Ponte de Sôr e Alter do Chão, julgo oportuno indicar o que a êste respeito diz Mr. Vayssières num relatorio enviado à Academia das Sciencias de Paris.

Tendo sido assolado o territorio de Marrocos e o sul da França por várias invasões de gafanhotos, ultimamente tem sido empregado com enorme exito os lança-chamas e os lança-gazes sufocantes; mas são os primeiros que melhores resultados tem dado. Assim bastam tres aparelhos para destruir quasi instantaneamente os terriveis insectos numa área de 100 metros quadrad. Com os lança-gazes os melhores resultados tem sido obtidos com a cloropicrina, pois o oxiclreto de carbono, que é eminente toxico para o homem, o não é para os gafanhotos.

Desta forma seria de tôda a conveniencia que aqueles aparelhos fossem por nós utilizados na destruição dos gafanhotos, pelo menos, durante o período de paz, enquanto se não tenham novamente de empregar contra os homens.

O helio empregado nos balões.—Em substituição do hidrogenio, se tem recorrido ao emprêgo do gaz chamado *helio*, que tem como vantagens, em relação áquele, o não ser inflamavel, nem explosivo, o que tem grande importancia; mas havia, até antes da grande guerra, a dificuldade de obter com caracter industrial aquele gaz, por isso que o *helio* só se encontrava nos gazes que se desenvolviam, quando se sujeitavam a altas temperaturas as substancias radioativas, ou ainda em certos gazes naturais. As pequenas porções que se obtinham e o seu preço não tornavam, porém, um tal gaz de applicação prática para ser utilizado nos balões. Ultimamente, o descobrimento da existencia do *helio* na proporção de $\frac{1}{3}$ em certos gazes que se desenvolvem no Canadá e o fabrico industrial, que permite obter uma produção de 1.400 metros cubicos por dia, vai tornar o seu emprêgo de uso corrente nas aeronaves.

O fabrico de metralhadoras e munições para armas portateis durante a Grande Guerra.—Segundo publica o *Army and Navy Journal*, de 6 de abril de 1917 (entrada dos E. Unidos na guerra) até 11 de novembro de 1918 foram fabricadas:

Na Inglaterra..	1.971:764	esping.;	e	181:404	metral. e	esping. automaticas
Em França....	1.416:056	»	; e	229:238	»	»
Nos E. Unidos.	2.505:742	»	; e	181:662	»	»
Totais.....	5.894:562			592:304		

Munições para armas portateis :

Inglaterra.....	3.486.127:000
França.....	2.983.675:000
E. Unidos.....	2.879.148:000
Total.....	9.348.950:000



CRÓNICA MARÍTIMA

França

Ataque e defesa das Costas.—Tendo em vista as acções havidas durante a guerra contra as baterias da costa, por meio de navios e nas quais se verificou a grande superioridade das baterias de costa sobre as flutuantes, tira o Almirante Develuy a conclusão da esterilidade do duelo classico entre as ditas baterias, a que ha a juntar os riscos que correm os navios atacantes com as minas e submersiveis, pelo que se deve orientar em uma nova direcção as operações contra a defesa das costas.

Os bombardeamentos foram confiados às forças aereas, e na segunda fase da guerra tomaram um tal desenvolvimento que no Pas do Calais e no Adriatico, isto é, nos pontos em que a acção dos Aviãos era facilitada pela vizinhança das costas, os bombardeamentos eram quasi quotidianos. E quando estavam distantes, eram bombardeadas por esquadrilhas de aviões transportados em navios próprios para próximo das defesas a bombardear.

Na verdade o ataque aereo permite alcançar directamente os objectivos, e aniquilar todo o conjunto de defesas que constituem a frente mar de uma praça forte maritima, pondo em jogo um material pouco importante e facilmente substituível. Hoje, alguns aviões podem conduzir bombas com uma carga de alto explosivo, superior ao dos projecteis de maior calibre.

A não ser pois em casos particulares, os ataques contra as costas tomarão dora avante a forma de bombardeamentos aereos.

O sistema actual de defesa de costas não corresponde às exigencias modernas e carece de ser reorganizado. De futuro, não de desenvolver-se os ataques sem que um só navio inimigo appareça em horizonte. A's antigas praças fortes, será preciso dar-lhes uma barragem aerea e esquadrilhas de aviões para o contra-ataque. Os navios condutores dos aviões, só poderão ser atacados ao largo pelos submersiveis, se o inimigo tem o dominio do mar.

Não serão mais precisas peças de grosso calibre nas praças fortes maritimas, tanto mais que não será facil atingir os dreadnoughts que para o bombardeamento, se manterão às distancias de 16 a 17:000 metros.

Cruzador ligeiro, Lamothe-Piquet.—E' o primeiro duma nova classe de três barcos denominados condutores de esquadrilha, e está em via de acabamento. Há próximamente 20 anos que não se lançava ao mar um navio deste tipo, preferindo-se os grandes e dispendiosos cruzadores couraçados, muito lentos para poderem ser empregados no serviço de exploração.

O *Lamothe-Piquet* é caracteristico. As suas dimensões são 138.^m de com-

priminto, 13,^m79 de boca e 5,^m04 de calado de água, com um deslocamento próximo de 4:500 toneladas. E' armado com 8 peças de 140.^{mm} e 55 calibres de comprimento lançando projecteis com 36,^k7 de peso, dispostos a darem uma bordada de 6 tiros e 4 na direcção da quilha com optimos angulos de tiro. Os serventes são protegidos por escudos de 152^{mm} de espessura, e 4 peças estão montadas às amuradas em casamatas da mesma espessura.

O casco é protegido por uma cinta de 50^{mm} de espessura em dois terços do seu comprimento, e por um convés com 19^{mm}.

O aparelho motôr é constituido por turbinas Parsons acionando 4 veios, e recebendo vapor de 12 caldeiras Du Temple-Guyot das quais 8 consomem naphta. Devem desenvolver 42.000 cavalos e imprimir na velocidade de 32 milhas.

O *Lamothe-Piquet* foi construido em Toulon, e os dois restantes na Industria privada.

Canhoneiras fluviais para o Rheno.—A *Revista Maritima Italiana*, donde extraimos esta crónica, diz no seu número de Maio que em 1864, no 2.^o Imperio, a França tinha preparado uma flotilha de 15 canhoneiras fluviais, das quais 13 couraçadas e 2 tipo Farcy não protegidas, mas capazes de montar uma peça de 240^{mm}. Esta força prestou notaveis serviços durante a guerra de 70.

Em Agosto de 1914, achava-se a França sem uma unica canhoneira fluvial, sendo a defesa do Sena confiada a rebocadores com peças de 47^{mm}.

Em 1915 foram construidas em Brest e Lorient, doze pequenas canhoneiras com 28 metros de comprimento, 5^m de boca e 1^m,5 de imersão, armadas com 1 peça de 140^{mm}, 2 de 47^m, e 2 metralhadoras, ou com duas peças de 10^{cm}, com 10 milhas de velocidade. Foram utilizadas no Mosa Yser e no Marne.

Depois do armisticio foi necessario criar, como dissemos num dos números anteriores da nossa Revista, a flotilha de *Rheno*, que se fixou no seguinte: 4 canhoneiras fluviais com peças de 140^{mm}, 1 caça-submersiveis com 2 peças de 59^{mm} e 2 metralhadoras; 16 vedetas, cada uma com 2 peças de 75^{mm} e 1 metralhadora. Pela Inglaterra deviam ter 12 barcos automoveis, e um certo número de barcos italianos.

As canhoneiras e vedetas francesas já se acham em serviço no Rheno desde Janeiro último, havendo gasto 4 dias na viagem de Stransburg a Moguncia. Auto projectores, percorrem a margem direita, contribuindo para a vigilância nocturna. O Commandante superior da esquadilha é um capitão de fragata.

Em França já se pensa na defesa activa do Rheno depois da paz, com barcos fortemente armados não só com peças para o tiro mergulhante, como com artilharia de longo alcance, adaptada também para o tiro anti-aereo.

Pensa-se também em prover a margem esquerda com postos fluviais bem protegidos e providos de galerias para defender os barcos pequenos do tiro dos projecteis pesados e bombas dos aeroplanos.

Inglaterra

A critica do Almirante Jellicoc.—Causou, como é sabido, grande impressão em Inglaterra o livro do Comandante da armada inglêsa no começo da guerra.

Por êle faz conhecer, agora que a guerra está acabada, o reverso da medalha com uma franqueza que contrasta com a grande reserva em face do inimigo. Se defeitos houve na marinha inglêsa, foram reparados a tempo, e a entrega sem combate da frota alemã demonstra que maiores defeitos havia da parte do inimigo.

Eis os principais pontos da critica do celebre almirante:

A Costa Oriental de Inglaterra estava praticamente indefesa.

Das tres grandes bases navais ao Norte, Scapa Flow estava absolutamente indefesa e Cromarty e Rosyth tinham peças, mas nenhuma defesa contra submersiveis. Em Scapa Flow, a esquadra devia sair rapidamente com qualquer tempo, ao primeiro alarme de submersiveis, para não ser surpreendida com um ataque em águas tão restritas.

Ao começo da guerra, a Alemanha tinha 24 submersiveis para em offensiva longiqua, enquanto dos 17 ingleses, 8 não podiam comparar-se com os alemães.

Havia grande deficiência de draga-minas, e houve um periodo que foi preciso mandar alguns velhos couraçados à frente da esquadra para limpar de minas, o caminho.

Em 4 de Agosto de 1914, possuia a Inglaterra 42 caça-torpedeiros, contra 88 da esquadra alemã de alto mar. Em Outubro de 1915 ainda havia 66 contra 88.

Até Fevereiro de 1915, os alemães tinham a maior probabilidade de exito, em atacar a esquadra inglêsa, mas daí por diante, a situação foi sempre piorando para os alemães.

A batalha de Jutlandia, demonstrou a superioridade dos barcos alemães, em vista dos grandes angulos de queda dos projecteis lançados de grande distância. O projectil perfurante inglêz demonstrou-se insufficiente, pois todas as vezes que batia no alvo pouco afastado do normal, explodia antes de ter alcançado as partes vitais. Em 1917 foi proposto um projectil capaz de perfurar uma espessura dupla, com espoleta eficazmente retardada.

Quanto aos telemetros, os alemães tinham quasi todos aparelhos de 4^m,57, enquanto que a maior parte dos navios ingleses tinham-nos apenas de 2^m,74. Em 1917 foram começados a construir telemetros de 7^m,62 e 9^m,14 e fizeram-se também estudos de telemetros stereoscopicos, quando se soube que eram usados pelos alemães.

Declara o Almirante Jellicoc que os melhoramentos introduzidos no serviço de telemetria não se referiam aos instrumentos usados, os quais correspondiam perfeitamente ao fim em vista; mas aos métodos empregados no seu uso e ao sistema de correcção do tiro.

Nova composição da armada britânica.—Eis como a Gran-Bretanha distribuiu os seus navios depois da dissolução da Grand Fleet em 7 de Abril último.

Navio-almirante das frotas do *Atlantico* e da *Home Fleet*: *Queen Elizabeth*.

Frota do atlantico.

1.^a esquadra da batalha: *Revenge Resolution, Ramillies, Royal Oak* e *Royal Sovereign*.

2.^a esquadra da batalha: *Barham Valiant, Malaya, Warspite*.

Esquadra de cruzadores de batalha: *Lion, Princen Royal, Renown, Repulse* e *Tiger*.

Esquadra volante: *Furious, Argus, Nairana, Pegasus, Vindex, Vindictive*.

1.^a esquadra de cruzadores ligeiros: *Curaçoa, Coventry, Curlew, Danae, Dauntless, Dragon*.

Frota territorial (Home Fleet).

3.^a esquadra de batalha: *King Seorge V, Orion, Conqueror, Erin, Monarch, Thunderer*.

2.^a esquadra de cruzadores ligeiros: *Caledon, Galatea, Inconstant Phaeton, Royalist*, e o *Princess Margaret* para colocar minas.

Esquadra do Mediterrâneo.—4.^a esquadra de batalha: *Iron-Duke, Emperor of India, Benbow Marlborough, Ajax, Centurion*.

3.^a esquadra de cruzadores ligeiros: *Cardiff, Calipso, Caradoc, Centaur, Ceres, Concord*.

Esquadra das Indias Orientais.—4.^a esquadra de cruzadores ligeiros: *Carysfort, Caroline, Cosmos* e *Conquest*.

Esquadra da China.—5.^a esquadra de cruzadores ligeiros: *Hawkins, Cairo, Cape-town, Carlisle* e *Colombo*.

Esquadra do Cabo de Boa Esperança.—6.^a esquadra de cruzadores ligeiros: *Birmingham, Chatham, Dublin Lowestoff*.

Esquadra da America Meridional.—7.^a esquadra de cruzadores ligeiros: *Southampton, Dartmouth Weymouth, Yarmouth*.

Esquadra da America Septentrional.—8.^a esquadra de cruzadores ligeiros: *Calcutta, Calliope, Cambrian, Constance*.

Eis como a grande Nação mostra a sua bandeira em todo o mundo.

Em qualquer ponto onde esteja um inglês, vive na convicção de que a sua Patria o não desampara, dando-lhe ensejo de pisar um bocado de territorio inglês. Isto o anima e encoraja nas lutas da vida, isto o incita a desenvolver e fazer prosperar a terra que escolheu para viver; lá tem a Inglaterra vigilante.

Podiamos aqui contar inúmeros casos, sôbre a impressão funda, sobre a alegria íntima que sente um português, bem longe da sua Patria, nas rarissimas vezes que tem ensejo de ver a bandeira de Portugal, embora para isso tenha de vir de lá do interior, de bastantes dezenas de leguas, fazendo sacrificios de tôda a especie.

E' o que acontece com a numerosa colonia portugueza no Brasil, e sejanos permitido relatar aqui um facto para corroborar o que avançamos.

A nau Vasco da Gama, sob o comando do capitão de mar e guerra Pedro Alexandrino da Cunha a quem o povo de Angola erigiu uma estatua numa das mais amplas praças da cidade de S. Paulo de Assunção de Loanda, a que foi dado o seu nome, a nau Vasco da Gama, diziamos, desarvorou à entrada do porto do Rio de Janeiro. Imediatamente a Colonia Portugueza abre uma subscrição que foi prontamente coberta e tanto, que já não pôde ser recebido o donativo de 8 contos de réis que um portugês trazia de bem longe, suportando uma viagem incômoda só para vér outra vez a sua nau ostentar, soberba e donairoza, a sua imponente e altaneira mastreação: só para vér no penól da sua carangueija, ou à pôpa, a bandeira da sua Patria tão distante mas que, apesar disso, como Mãe carinhosa, ali lhe vinha trazer um bocado do seu territorio para êle pisar e derramar sôbre êle, lágrimas de alegria por tanto tempo represadas.

Não quiz êsse portugês de lei, em cujo peito pulsava seguramente um coração de patriota, alanceado de amargas saudades pelo torrão natal, retirar o seu dinheiro, e logo o enviou ao Conselheiro Rodrigo da Fonseca Magalhães, então Ministro do Reino, para o empregar numa obra de reconhecida utilidade publica. Pensava então o grande estadista na maneira de arranjar dinheiro para a compra de um campo de trigo em frente da basilica do Coração de Jesus, que nas suas horas vagas ia contemplar pezaroso de não poder fazer dêle um Jardim para recreio público.

Os oito contos do Brazil não podiam vir em melhor ocasião, e com eles comprou o recinto apeteçido delíneo e murou o que é hoje o Passeio da Estrela, êsse encantador sítio onde, sempre que pudemos roubar um bocadinho de tempo às nossas occupações nos extasiamos perante êsse magestoso espectaculo que os seus lagos, as frondosas árvores e canteiros floridos oferecem aos nossos olhos. O benemerito a quem Rodrigo da Fonseca deveu a realização do seu sonho altruista, foi agraciado por S. M. a Rainha D. Maria II, com o título de Visconde da Estrela. E encerrada esta pequena divagação que nos trouxe à memória, factos que ouvimos contar nos nossos verdes anos a quem tudo devemos e que sempre nos amparou nos primeiros passos incertos nesta aspera senda da vida, lembraremos respeitosamente aos que podem influir nos destinos da Marinha, que há numerosas Colónias portuguesas espalhadas por êsse mundo fóra que sentiriam imensa alegria, um infinito consôlo se a Mãe Pátria se lembrasse delas enviando-lhes um navio onde pudessem mitigar as profundas saudades da Aldeia que deixaram, do lar que foram forçados a abandonar.

E' evidente que não pudemos, nem isso pode passar pela lembrança de ninguém, espalhar navios pelo mundo como a Inglaterra, como quem espalha sementes pelo campo. Há também que adquirir barcos de que o serviço de casa, tão urgentemente carece como noutra logar desta crónica referimos. Há por outro lado o elevado orçamento do Ministério da Marinha, cujos algarismos nos enchem de receio pelo futuro.

Por isso as nossas palavras não podem por ora, representar mais do que uma aspiração que aqui deixamos consignada, na viva esperança de melhores dias, depois de conjurada a temerosa crise mundial que atravessamos.

Tomemos, como exemplo, a grande Inglaterra que mal cessou a necessidade de concentrar os seus navios no teatro da guerra, os espalhou pelo globo, restituindo à Australia, os barcos da sua marinha própria, entre os quais se conta o Dreadnought Australia.

Lança-bombas contra submersíveis.—Eis um tipo ideado e construído em Basingstoke na casa John Thornycroft & C.^a, Limt.^a Não podendo o mecanismo das bombas suportar o impulso directo causado pela explosão da carga de lançamento, de cordite, quando em immediato contacto com a própria bomba, foi inventado o sistema de conter a alta pressão numa camara adjacente à do lançamento e em comunicação com esta por meio de um pequeno furo através do qual, os gases produzidos pela explosão, chegam laminados, provocando um aumento de pressão menos rapida.

O Lança-bombas tem a aparência de uma bombardarda disposta com um angulo fixo de 50° sobre a horizontal, e leva no seu dorso, um recipiente cilindrico formado pela camara de explosão, ao qual está ligado o porta-carga. A bomba cilíndrica é sustentada fóra do lança-bombas, por uma colher semi-circular à qual está fixo um cilindro que se introduz na alma do tubo de lança-bombas e recebe a expansão dos gases.

A pressão desenvolvida no porta-bomba é de cerca de 42^k por centimetro quadrado, enquanto que a combustão do cordite provoca na camara de explosão uma pressão próximamente sete vezes superior. O porta-bombas recebe pois mais uma expansão do que um tiro e parte com velocidade moderada, percorrendo uma distância inferior a 40^m antes de cair na água. A quantidade de explosivo que se emprega num lançamento é pequenissima, não superior à contida num cartucho ordinário da peça pom-pom, isto é, cerca de 113 gramas de cordite. O aparelho pode ser acionado a distância. O peso do lança-bombas completo é de 380^k; o de porta-bombas é de 25^k. Este mesmo principio já tinha sido precedentemente inventado para o lançamento de torpedos em barcos-automoveis não providos de tubos ordinários de lançamento.

Estados Unidos da America do Norte

Novos cruzadores de batalha.—São em número de seis os autorizados pelo congresso em 1916. *Constitution, Constellation, Lexington, Rangen e Soratoga* e um ainda sem nome. Não foram ainda lançados à carreira, parecendo até que a sua construção esteja suspensa na previsão de sensíveis modificações nos seus planos. E' provável que para tal resolução, tenha concorrido o contacto havido entre os altos officiais americanos, com as marinhas europeas, e o juízo que elles fazem em favor do novo tipo de cruzadores de batalha, em construção em Inglaterra, tipo que se differencia sensivelmente dos projectados navios americanos cujas características são as seguintes: Comprimento total 266^m,4; boca 27^m,43; imersão média 9^m,42; deslocamento em carga normal 35.350 toneladas. Armamento 10 peças de 356^{mm} com duas torres duplas e duas triplas 18 peças 127^{mm}; 8 tubos lança-torpedos, sendo quatro submersos.

Maquinas, motores turbo-electricas da força de 180.000 cavalos imprimindo a velocidade de 35 milhas.

Metade das caldeiras deve ser disposta sôbre a flutuação protegidas por um convés couraçado. Julga-se que a protecção vertical da amurada, não será muito extensa, mas suficientemente robusta, em harmonia com os ensinamentos da batalha da Jutlandia.

O caça submersivel Ford.— Foi passado a completo armamento o Ford M-13, tendo ainda a casa Ford 47 navios dêste tipo a completar. Diz-se que, apenas se aprontarem, serão enviados à Europa a render alguns caça-torpedeiros por ser o seu serviço mais económico.

A casa Ford asseverou tão batido o record mundial em rapidez de construção de caça-submersiveis, pois um destes o N-59, lançado ao mar em 12 de Abril, tinha sido posto na carreira 10 dias antes exactos. Para conseguir êsse extraordinario resultado, foram empregados tres esquadras de operários, de 400 homens cada uma, trabalhando 8 horas.

Perdas americanas durante a guerra.

Foram as seguintes :

No exercito :

Mortos em combate.....	32:009
Perdidos no mar.....	732
Mortos por ferimentos.....	13:441
» » desastre.....	4:262
» » doença.....	22:693
Total dos mortos.....	73:137
Feridos.....	197:998
Desaparecidos	4:567
Total	275:702

Na marinha :

Mortos em combate.....	1:507
» por ferimentos.....	723
» » doença	273
» » desastre e outras causas.....	10
Total dos mortos.....	2:513
Feridos	8:576
Desaparecidos	215
Total.....	11:304

A Republica Norte Americana teve um total de 395 officiais e 4.370 praças feitas prisioneiras, tendo morrido na prisão 184.

Portugal

Novos cruzadores.—Lemos nos jornais que se pensa na aquisição de 8 cruzadores que a Inglaterra nos cede por preços muito razoáveis.

Consta-nos até que ia ser presente ao Parlamento, um projecto de lei nêsse sentido.¹

Devem ser, se não estamos em erro, uns pequenos cruzadores de 1.000 a 1.200 toneladas providos com uma só maquina certamente para ser mais rapida a sua construção, atendendo à enorme falta que a Gran Bretanha sentia de navios ligeiros, para acudir às urgentes necessidades da guerra, e para se desempenhar dos inumeros serviços que esta classe de navios lhe podia prestar.

Eram conhecidos esses cruzadores pela Classe Flower, e certamente terão prestado aturado e fatigante serviço, que os deve ter deixado já um bocado cançados, sendo de esperar que não pudesse ter sido esmerada a sua construção, provavel como era que a Inglaterra, não os quizesse mais utilizar após a guerra.

Actualmente, só por uma instante necessidade, se poderia construir navios de uma só máquina que só tiveram vóga na epoca dos nossos mixtos em que o pano devidamente manobrado, auxiliava eficazmente as evoluções do navio, e imprimia-lhe mesmo andamento em caso de avaria na máquina, muito facil de acontecer.

O comandante moderno já por tal forma se identificou a ter duas máquinas à sua disposição, para voltas apertadas, para virar quasi no mesmo ponto, numa palavra, para estar a todo o momento senhor do navio que lhe foi confiado, que certamente teria de redobrar de cuidados ao manobrar em pequeno espaço, não falando na inquietação causada pelo receio duma avaria na máquina com mau tempo, e sem pano para governar o seu barco.

Fez-se, é verdade, em remotas eras, lindas evoluções, manobras arrojadissimas, em que insignes officiais portugueses, provocaram com o seu alto mérito a admiração dos almirantes estrangeiros, que faziam içar no seu navio, o sinal «*atenção ás manobras do navio português*». E as máquinas eram de lona, ao ar livre, havendo sempre uma de sobresalente no paiol. E quando se começaram a aplicar máquinas a vapor aos navios, foi-se-lhes deixando ficar o pano à cautela, para o caso delas se não portarem à altura. E assim admirámos no porto de Lisbôa soberbas esquadras inglesas e francesas, couraçadas, de bateria corrida, mas carregadinhas de pano, que veio a ser eliminado quando começaram a aplicar duas máquinas, e os couraçados passaram a ter novas instalações para a sua cada vez mais potente artelharia, e a mastreação passou a ser por sua vez também artelhada e munida de postos de observação. Nem se compreendia monstros daço, puxados por lenços de assoar.

Eis a razão porque, a ser verdade que se pensa na aquisição de tais navios, nós ousamos fazer os mais veementos votos, para que haja a maior prudência e ponderação na compra a efectuar, examinando minuciosamente os

¹ Já foi aprovada a aquisição em sessão de 2 de Setembro.

navios em doca sêca, com o fim de vêr o tempo que pôdem ainda fazer serviço e só os adquirindo em condições altamente vantajosas. Mesmo assim, serão sempre navios defeituosos pelas razões acima resumidamente expostas.

Vai longa esta crónica e por isso não nos é possível expôr aqui com o devido desenvolvimento, os navios que nós urgentemente necessitamos para os serviços do porto de Lisbôa e que nos consta, já foram requisitados pelas estações competentes. Fal-o-emos para o seguinte número, mas desde já podemos dizer que não possuímos actualmente em estado de servir um navio de pronto socorro, uma draga para serviço próprio do Estado, uma barca de água autonoma para rápido abastecimento de água dos navios, e um barco a gasolina exclusivamente para condução de oficiais e pessoal do estado menor, como é corrente nos arsenais estrangeiros.

Lembraremos que se torna de urgente necessidade a aquisição de uma flotilha de barcos para fiscalização da pesca nas nossas costas, acarretando a sua falta enormes prejuizos para o Paiz.

Não há, no caso de uma avaria no vapôr Thetis, oferecido ha mais de 15 anos por EI-Rei D. Carlos ao Conselheiro Ferreira do Amaral, um barco para transportar funcionários de elevada categoria. O Thetis la vai ainda cumprindo menos mal o seu dever, graças aos cuidados havidos na sua conservação, mas a sua avançada idade, já vai dando motivo para cuidados e por tal motivo, um substituto impõe-se cada vez mais.

Finalmente, há material miudo nos serviços maritimos que está carecendo cada vez mais de substituição radical, e se ainda está em serviço é isso devido, repetimos, ao zêlo e dedicação do pessoal encarregado da sua conservação,

Realizado êste programa minimo, cuja urgente necessidade é ocioso encarecer, será então oportuno, tratar-se da aquisição de um número indispensável de pequenos cruzadores que nos representem condignamente em longiquas regiões do globo, onde há importantes nucleos de colonização portu-guêsa.

Se não estamos em êrro, parece-nos ser êste o mais seguro caminho, sem perigo de encalhe.

V. G. C.

BIBLIOGRAFIA

I—LIVROS

Inglaterra

- 1 BENNETT (Mark) *Under the Periscope*. Cr. 8vo. pp. 254. Collins n. 7/6
- 2 BERRY (Trevor T.) *A Forgotten View of War*. 8vo, swd., pp. 16. Blackwell n. 1/
- 3 *Boy Scout's Pocket Book of General Information*. The «B.P.» Scout. 6th edition. 18mo. pp. 140. Gale & P. n. 1/
- 4 BRIDGE (F. Maynard) *A Short History of the Great World War*. Frontispiece by Henry J. Ford. 8vo, pp. 270. Deane n. 6/
- 5 BUTIER (A. S. G.) *Plain Impressions*. 12mo. pp. 95. Aeroplane & Gen. Pub. Co. n. 2/6
- 6 *Canada in Khaki. No. 3. Folio*, swd., pp. 156. Pictorial Newspaper Co n. 3/6
- 7 *Collections and Recollections of 197th Field Company R.E.* Cr. 8vo pp. 146. W. Dresser
- 8 FERGUSON (R. Menzies) *With the American Army in France*. (Diary of a Lecturing Tour.) Cr. 8vo. pp. 62. A. Gardner n. 2/
- 9 HARPER (Lt.-Gen. Sir G. M.) *Notes on Infantry Tactics and Training*. Cr. 8vo, pp. 137. Sifton, Praed n. 4/6
- 10 JESSE (F. Tennyson) *The Sword of Deborah. First-hand impressions of the British Women's Army in France*. Cr. 8vo, pp. 136. Heinemann. n. 3/.
- 11 KNIGHT (E.F.) *The Harwich Naval Forces. Their part in the great war*. Cr. 8vo, pp. 246. Hodder & S. n. 3/6
- 12 *Letters from a French Soldier to his Mother, 1914-5*. Translated from the French of «Lettres d'un Soldat». By H. B. P. Cr. 8vo, pp. 67. A. Moring n. 2/6
- 13 LIMMER (Raymond) *Reminiscences of a Year's Captivity in the Hands of the Turks* Cr. 8vo, pp. 46. Author.
- 14 MITCHELL (J.) *Naval Architect's Data*. Edited by Edward L. Attwood. 8vo, pp. 224. Longmans n. 7/6
- 15 *Naval Annual, 1919, The*. Edited by Earl Brassey and John Leyland. Royal 8vo, pp. 534. Wm. Clows n. 21/
- 16 SOFTLEY (Capt. J. W.) *Naval Architecture for Mates and Masters*. 8vo, swd., pp. 68. Simpkin. n. 3/6
- 17 TAYLOR (the late Lieut. George W.) *The Boy with the Guns*. Arranged by the author's sister, Mrs. Roger Cookson, from notes and let-

- ters. With an introduction by Sir James Crichton Browne. Cr. 8vo, pp. 197. *J. Lane* n. 5/
 18 *Three Chevrons*. By «Orex». Cr. 8vo, pp. 250. *J. Lane* n. 5/
 19 WHITLOCK (Brand) *Belgium Under the German Occupation*. A Personal Narrative. With portrait of Albert, King of the Belgians. 2 vols. 8vo, pp. 500, 484. *Hennemann*. n. 25/
 20 WILLIS (George) *Any Soldier to His Son*. Cr. 8vo, pp. 46. *G. Allen & U* n. 1/3 ; 2/6

II — PERIÓDICOS

Portugal

- 1 *Boletim da Sociedade de Geografia*, n.º 7 a 9 de Julho a Setembro de 1918. O Planalto de Benguela e o seu futuro agrícola. O perigo do despovoamento de Angola. Portugal na paz. A colónia portuguesa em Cantagallo (Brasil). Biografia. Crónica. Bibliotéca. N.º 10 a 12 de Outubro a Dezembro de 1918. Colonização do planalto de Huila e Mossamedes. Palestra sôbre a antiga civilização indo-arica. Crónica. Bibliotéca.
- 2 *O Instituto*, n.º 7 do vol. 66 de Julho de 1919. Ourives de Coimbra. História da instituição da Santa Ordem da Cavalaria e das ordens militares em Portugal. Dois inéditos âcerca das ilhas do Faial, Pico, Flôres e Corvo. As duas embaixadas do 1.º Marquês de Nisa a França (1642 a 1646 e 1647 a 1649).
- 3 *O Oriente Português*, n.ºs 5 e 6 de Maio e Junho de 1919. Condenação dos «Tavoras». Reabilitação dos «Tavoras». Conciliação de dois passos de duas cartas de Afonso de Albuquerque. Sindabar, Chandrapur e as ilhas de Gôa e Elefante. Famílias portuguesas estabelecidas na Índia, cuja varonia se extinguiu (continuação). *Varia Variorum*. Ilustrações.

Chile

- 1 *Revista de Marina*, n.º 371 de Maio e Junho de 1919. El combate de Iquique. Arturo Prat. Válvulas termoelectrónicas. Lo que significa para Inglaterra el ataque a Ostend y Zeebrugge. La Preparación de T. N. T. Escuela de Maquinas. Reservas Navales. La Meteorología y la previsión del tiempo. Un libro de interés profesional. La electricidad en el servicio naval. Notas sobre la estabilidad de la cordita. Armamento y aviación naval. Notas profesionales. *Cronica Nacional*. *Neurologias*. Etc.

Cuba

- 1 *Boletín del Ejército*, n.º 40 de Junho de 1919. La ley de retiro y pensiones para las fuerzas de mar y tierra. La aviación y la dirección de la guerra. El factor decisivo. Fichas de identificación en los ejércitos

combatientes. La guerra de Rumania, 1916. Empleo de la caballería en las guerras modernas. Fortificación permanente. Algunas indicaciones sobre la movilización alemana. Los procedimientos de mando. De la Gaceta Oficial. Etc.

Espanha

- 1 *Memorial de Caballería*, n.º 38 de Agosto de 1919. Orientaciones de la Caballería. Necesidad de un Ejército Colonial. De Cria Caballar. Consanguinidad. Cuba: El día del caballo. EE. UU. de la América del Norte: La organización del Ejército. Francia: El aerobús Farmán. Inglaterra: Los Buques misteriosos de la Marina de Guerra. Italia: Crónica de las acciones de Caballería (continuación). Dragones de Santiago. Los fallecidos del Arma. La inteligencia del caballo. Estudio crítico sintético de las causas del desastre turco en la guerra balcánica (1912). Noticias Militares. Libros. Deportes hipicos. Etc.
- 2 *Memorial de Infantería*, n.º 91 de Agosto de 1919. Secciones especialistas. Proyecto de camilla plegable. Los enlaces en el campo de batalla. Del protectorado español en Marruecos. Notas para un estudio de psicología militar. La telegrafía por el suelo. Las órdenes y condecoraciones militares franceesas. Maquinas infernales alemanes. Mas hipótesis acerca del famoso cañón París. Crónica Militar. Noticias militares. Bibliografía. Biblioteca. Etc.

Estados- Unidos

- 1 *Journal of the United States Artillery*, n.º 156 de Agosto de 1919. Spotting for Coast Artillery. Equations of Differential. Variations in Exterior Ballistica. Coast Defenses Constructed by the Germans on the Belgian Coast. High Burst Ranging. Adjustment of Artillery fire by the Tangent Reticule Method. Editorial Reviews. Professional. Notes. Book Reviews. Etc.
- 2 *The Internatíonal Military Digest*, n.º 3 do vol. 6 de Setembro de 1919.

Mexico

- 1 *Tohtli*, n.º 7 de Julho de 1919. La aviación en Italia. La Escuela Aero-náutica Italiana. El estudio de los grandes velivolos. Vuelo a Inglaterra de los biplanos Caproni. Notas. El aeroplano en el extranjero. El aeroplano en la América-Latina. A Aviación Militar en Francia. Un nuevo principio de carburación. Física del aire.

Suissa

- 1 *Revue Militaire Suisse*, n.º 6 de Junho de 1919. Cavalerie allemande et cavalerie française dans la dernière armée de guerre (suite). Les mitrailleurs au combat (fin). De la specialisation du travail dans l'armée. Cronique Suisse. Cronique des Etats-Unis. Informations. Bulletin bibliographique.

- 2 *Revue Militaire Suisse*, n.º 7 de Julho de 1919. Cavalerie allemande et cavalerie française dans la dernière année de guerre (suite). La fortification permanente dans la guerre actuelle. Augmentation de solde et indiscipline. Chronique suisse. Chronique portugaise. N.º 8 de Agosto de 1919. Cavalerie allemande et cavalerie française dans la dernière année de guerre (suite). Encore la défaite de l'armée allemande. Dîners officiels. Chronique suisse. Nécrologie.

Uruguai

- 1 *Revista del Centro Militar y Naval*, n.º 181 de Maio de 1919. Batalla de Las Piedras. De la situación material de los oficiales aviadores. Conversando con el Capitán. El 18 de Mayo en la Escuela Naval. Sección Oficial. Los veteranos se van. La enseñanza de la guerra.

